



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE  
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE**

**FELIPE FERNANDES DA SILVA**

**“LONGE DE CASA HÁ MAIS DE UMA SEMANA”:  
TRAJETÓRIAS DE TRABALHO DE IMIGRANTES VENEZUELANOS EM JOÃO  
PESSOA-PB**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2022**

FELIPE FERNANDES DA SILVA

**“LONGE DE CASA HÁ MAIS DE UMA SEMANA”:  
TRAJETÓRIAS DE TRABALHO DE IMIGRANTES VENEZUELANOS EM JOÃO  
PESSOA-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia da Saúde.

**Área de concentração:** Trabalho e subjetividade.

**Orientador:** Profa. Dra. Manuella Castelo Branco Pessoa

**CAMPINA GRANDE-PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Felipe Fernandes da.  
"Longe de casa há mais de uma semana" [manuscrito] :  
trajetórias de trabalho de imigrantes venezuelanos em João  
Pessoa-PB / Felipe Fernandes da Silva. - 2022.  
94 p.  
  
Digitado.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências  
Biológicas e da Saúde, 2023.  
"Orientação : Profa. Dra. Manuella Castelo Branco Pessoa,  
Departamento de Psicologia - CCBS. "  
1. Imigrantes venezuelanos. 2. Condições de trabalho. 3.  
Exclusão social. 4. Xenofobia. I. Título  
  
21. ed. CDD 344

FELIPE FERNANDES DA SILVA

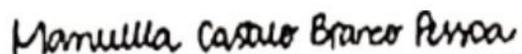
**“LONGE DE CASA HÁ MAIS DE UMA SEMANA”:  
TRAJETÓRIAS DE TRABALHO DE IMIGRANTES VENEZUELANOS EM JOÃO  
PESSOA-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia da Saúde.

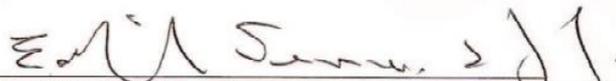
**Área de concentração:** Trabalho e subjetividade.

Aprovado em: 22/09/2022.

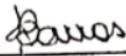
**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Profa. Dr<sup>a</sup>. Manuella Castelo Branco Pessoa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Edil Ferreira da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Vanessa Andrade de Barros  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

## **AGRADECIMENTOS**

O meu crescimento pessoal e profissional representado pelo desenvolvimento dessa dissertação e obtenção do título de mestre não seria possível sem diversas pessoas que ofertaram condições, sejam materiais, financeiras ou emocionais, para que eu pudesse chegar até aqui.

Em primeiro lugar meu pai Josinaldo e minha mãe Ana Lúcia, que sempre me amaram incondicionalmente, apoiaram e incentivaram, sendo suporte para a realização de todos os meus objetivos.

Minha irmã Cybelle, por estar comigo em todos os momentos da minha vida, demonstrando seu amor em forma de cuidado e afeto, me tornando alvo do seu amor independente de qualquer coisa, me deixando livre para ser quem eu sou.

Minha pequena-grande-furacão, Júlia, que de maneira um tanto paradoxal, renova minha energia, fé na vida e em um mundo melhor à medida que retira todas as minhas energias me chamando para brincar e ajudá-la com as lições de casa. Amo vocês.

Minha família extensa, nas figuras dos meus padrinhos, tios, tias, primos e primas que compartilharam uma vida inteira comigo e fizeram com que desde sempre eu me sentisse importante, amado e capaz.

Agradeço também àqueles que não só me mostram que a vida merece ser vivida, dançada e desfrutada sem medidas, como fazem isso junto a mim. São as minhas pessoas na vida, os mais próximos a ponto de conhecerem todas as minhas versões: Jerônimo, Andréia, Thaiza, Claudinha Morgana, Jéssica, Fabrício e João Pedro. Obrigado por todos os dias de conversas, risadas, karaokê e tudo o que a gente se propõe a fazer, desde que juntos. Continuemos assim.

Agradeço também, em especial, a Landerson, que é tudo isso e muito mais. Meu parceiro de vida, que me incentiva e me torna diariamente uma pessoa e profissional melhor só por tê-lo ao lado.

A minha orientadora Manuella, que ressignificou minha representação mental de professor orientador, me deu suporte, conhecimento e principalmente acolhimento, embarcando na minha jornada, sendo uma excelente guia, me permitindo conduzir e o melhor de tudo: acreditando na minha capacidade de condução.

Além dela, Tainá, minha parceira de turma e sem dúvida de vida, um encontro de almas que eu não esperava e tornou tudo mais leve. Estendo aqui meus agradecimentos a todos os meus colegas de profissão, graduação, turma e pessoas que cruzam suas vidas à minha. Obrigado!

Por último, mas não menos importante, àqueles que possibilitaram o desenvolvimento desse estudo: os participantes imigrantes e coordenadoras das instituições que acreditaram no meu trabalho e abriram as portas de suas histórias de vida e instituições para mim.

A partir desse estudo, meus olhos se abriram para visualizar questões que outrora passavam despercebidas durante a correria do dia-a-dia, dos dias comuns da rotina, ao cruzar em sinais de trânsito, esquinas da cidade e praças do centro da cidade, por pessoas com cartazes, traços indígenas e características fenotípicas diferentes. Ampliar o olhar para entender o que cerca esse contexto me motivou e me fez crescer não somente enquanto profissional, mas também enquanto pessoa, ser humano. Sou imensamente grato as possibilidades para além das acadêmicas que a realização desse estudo me proporcionou.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo compreender as trajetórias de trabalho de venezuelanos que migraram para a cidade de João Pessoa. Para tanto, foi realizado três estudos apresentados em três artigos, o primeiro tem como título “Imigração venezuelana no Brasil e trabalho: uma revisão integrativa”, que teve como objetivo a realização de uma revisão integrativa a respeito da inserção no mercado de trabalho por imigrantes venezuelanos no Brasil. O segundo artigo tem como título “Trajetórias de trabalho de imigrantes venezuelanos na cidade de João Pessoa-PB”, que teve como objetivo analisar as trajetórias de trabalho de venezuelanos que migraram para a cidade de João Pessoa. E o terceiro artigo intitulado “Trajetórias de trabalho e desafios de imigrantes venezuelanos indígenas de etnia Warao na cidade de João Pessoa-PB”, que teve como objetivo compreender as trajetórias de trabalho, bem como os desafios de imigrantes venezuelanos indígenas de etnia Warao na cidade de João Pessoa – PB. A partir dos estudos desenvolvidos foi possível compreender o trabalho como fator central na vida dos imigrantes venezuelanos. É partir dele que muitos desses imigrantes pretendem alcançar uma melhor qualidade de vida, contribuindo no processo de integração dos imigrantes em um novo contexto. Foi possível compreender as trajetórias de trabalho desses imigrantes venezuelanos que buscam por sua inserção no mercado laboral nacional, mas ainda não encontram um contexto propício para tanto. São diversas as dificuldades encontradas, como a falta de documentação, a dificuldade de revalidar diplomas e a dificuldade com a língua portuguesa. Àqueles que conseguem se inserir em geral terminam por realizar atividades laborais afetadas pela precarização do trabalho, em atividades em um menor nível de formação, cargas horárias imensas, salários precários, xenofobia e até mesmo em condições análogas à escravidão. Essas dificuldades se intensificam ainda mais quando falamos de mulheres venezuelanas e do povo indígena da etnia Warao, que possuem suas práticas e costumes diferentes que termina os transformando em um povo pedinte, vivendo nas ruas e praticando mendicância.

**Palavras-chave:** imigrantes venezuelanos; trabalho; precarização.

## RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo comprender las trayectorias laborales de los venezolanos que migraron a la ciudad de João Pessoa. Para ello, se presentaron tres estudios en tres artículos, el primero se titula “Inmigración venezolana en Brasil y trabajo: una revisión integradora”, que tuvo como objetivo realizar una revisión integradora sobre la inserción en el mercado laboral de inmigrantes venezolanos en Brasil. El segundo artículo se titula “Trayectorias laborales de inmigrantes venezolanos en la ciudad de João Pessoa-PB”, que tuvo como objetivo analizar las trayectorias laborales de los venezolanos que migraron para la ciudad de João Pessoa. Y el tercer artículo titulado “Trayectorias de trabajo y desafíos de inmigrantes indígenas venezolanos de etnia Warao en la ciudad de João Pessoa-PB”, que tuvo como objetivo comprender las trayectorias de trabajo, así como los desafíos de inmigrantes indígenas venezolanos de etnia Warao en la ciudad. de João Pessoa – PB. A partir de los estudios realizados, fue posible comprender el trabajo como un factor central en la vida de los inmigrantes venezolanos. Es a partir de esto que muchos de estos inmigrantes pretenden alcanzar una mejor calidad de vida, contribuyendo al proceso de integración de los inmigrantes en un nuevo contexto. Se logró comprender las trayectorias laborales de estos inmigrantes venezolanos que buscan su inserción en el mercado laboral nacional, pero aún no encuentran un contexto adecuado para ello. Son varias las dificultades encontradas, como la falta de documentación, la dificultad para convalidar títulos y la dificultad con el idioma portugués. Quienes logran ingresar, en general, terminan realizando actividades laborales afectadas por la precariedad del trabajo, en actividades con menor nivel de formación, inmensas cargas de trabajo, salarios precarios, xenofobia e incluso en condiciones análogas a la esclavitud. Estas dificultades se intensifican aún más cuando hablamos de las mujeres venezolanas y de los indígenas de la etnia Warao, quienes tienen sus diferentes usos y costumbres que terminan transformándolos en un pueblo mendigo, viviendo en las calles y practicando la mendicidad.

**Palabras clave:** inmigrantes venezolanos; trabajo; precariedad.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	ARTIGO 1: IMIGRAÇÃO VENEZUELANA NO BRASIL E TRABALHO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	15
3	ARTIGO 2: TRAJETÓRIAS DE TRABALHO DE VENEZUELANOS NA CIDADE DE JOÃO PESSOA - PB .....	39
4	ARTIGO 3: TRAJETÓRIAS DE TRABALHO E DESAFIOS NA VIVÊNCIA DE IMIGRANTES VENEZUELANOS INDÍGENAS DE ETNIA WARAO NA CIDADE DE JOÃO PESSOA - PB.....	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
	REFERÊNCIAS .....	90

## 1 INTRODUÇÃO

A imigração venezuelana para o Brasil é uma realidade atual. Segundo Albuquerque (2019), desde 2015, 3.3 milhões de venezuelanos saíram do seu país de origem, sendo em torno de 5 mil pessoas por dia que atravessam as fronteiras para os países vizinhos, entre eles o Brasil. Em 2011 o número de venezuelanos que pediram asilo em outros países foi de 499; em 2017 esse número subiu para 148mil. Para o Fórum Econômico Mundial essa pode ser a maior crise migratória da América Latina.

O Brasil ocupa a sexta posição no ranking de países que mais abrigam Venezuelanos. Em primeiro lugar encontra-se a Colômbia, com mais de 1 milhão de abrigados, seguido do Peru com 506 mil, logo após vem o Chile com 288 mil, seguido do Equador abrigando 221 mil, acompanhado da Argentina que abriga 130 mil, e depois surge o Brasil, com 96 mil (Paiva et al., 2019).

Segundo Oliveira (2019), essas pessoas buscam por uma melhor qualidade de vida, fugindo da crise social, política e econômica que enfrenta o seu país de origem. Entretanto, a migração venezuelana se diferencia de outros fluxos observados justamente pela intensidade e velocidade com que ocorreram os deslocamentos. Como assinalam Justiniano e Braga (2020) a migração demandou uma reinvenção das políticas do mundo, porém, alguns países ainda se pautam no princípio da soberania, se recusando a promover políticas migratórias com cunho receptivo.

A migração é entendida como um processo voluntário de movimentação de uma pessoa ou um grupo dentro de um espaço geográfico, seja por um espaço de tempo, curto ou longo, ou até mesmo permanente. Ao cruzar fronteiras de entrada em outro país, são chamados de imigrantes, e ao sair de seu país são chamados de emigrantes. São diversos os impactos subjetivos causados pela migração na vida do

indivíduo. Dificuldades com o idioma, saudade, o rompimento dos laços familiares, a xenofobia, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, entre outros (Simões, Cavalcanti & Oliveira, 2018).

A literatura demonstra que os primeiros imigrantes que vieram para o Brasil, em meados do século XIX, já apresentavam como maior objetivo o ingresso no mercado de trabalho nas províncias brasileiras (Lima et al, 2019). No caso dos imigrantes venezuelanos especificamente, de maneira semelhante, é possível encontrar no discurso da maior parte dos venezuelanos que buscam refúgio no Brasil, o mesmo desejo; de se inserir e se estabelecer no mercado de trabalho brasileiro (Oliveira, 2019).

Segundo Cardoso e Oliveira (2019) em um estudo realizado com imigrantes venezuelanos no estado de Manaus, todos os sujeitos ouvidos apresentaram em suas falas a respeito da motivação que os trouxeram até o Brasil, elementos como a busca por trabalho, atrelado às melhorias de condições de vida tanto para si, quanto para seus familiares. Em todas as oficinas, entrevistas e debates entre os pesquisadores e os imigrantes, a palavra “trabalho” aparecia com destaque.

Embora sejam visualizadas e evidenciadas questões relacionadas ao trabalho e a busca pela inserção laboral nas práticas com imigrantes venezuelanos, ainda são escassos os materiais teóricos de produção acadêmica que se disponham a discutir o tema. Em uma análise crítica da literatura científica latino-americana realizada por Eberhardt e Miranda (2017) a respeito da relação de temas como saúde, trabalho e imigração foi possível evidenciar que poucos estudos incorporavam a categoria “trabalho” como um dos componentes centrais no que diz respeito à saúde dos imigrantes. A maioria não mencionava ou apenas utilizava como uma das diversas categorias que interferiam na vida do imigrante.

Ainda aqueles estudos que correlacionam trabalho e migração, detém-se basicamente ao trabalho enquanto emprego/ inserção no mercado de trabalho, seja formal ou informal, de forma mensurável. Logo, não levava em consideração as dimensões do trabalho que escapam às mensurações, suas implicações psicossociais, bem como suas classificações morais e psicológicas que acarretam em sofrimento (Barros, 2017).

Sendo assim, questiona-se: Qual sentido é dado ao trabalho pelos imigrantes venezuelanos em um novo contexto social, nessa nova cultura? Ele difere ou é semelhante com a forma na qual enxergavam o trabalho em seu país de origem? Quais os impactos que o trabalho produz na saúde psíquica desses sujeitos em processo de adaptação em um novo meio social? Segundo Antunes (2008), é impossível que seja alcançada a compreensão total dos fenômenos migratórios quando se despreza a questão do trabalho como sendo um fator que ocupa um lugar de centralidade nas sociedades humanas. É nesse sentido que a realização da presente pesquisa se justificou.

Essa temática acaba por se tornar um problema para o governo brasileiro justamente pela ausência de políticas públicas que possuam a capacidade de compreender, atender e integralizar os migrantes na sociedade, levando em consideração regiões estratégicas do Brasil e com apoio de governos locais, combatendo grupos que lucram com as condições dos migrantes, explorando-os das mais diversas maneiras (Cardoso & Oliveira, 2019). Pelo lado acadêmico, Eberhardt e Miranda (2017) evidenciam a urgente necessidade de serem desenvolvidos estudos qualitativos que objetivem a análise e discussão de questões relacionadas ao trabalho com populações imigrantes, pois, só assim será possível elaborar estratégias voltadas

para a proteção de condições de vida, trabalho e saúde dessa população, seja através de políticas públicas ou através de movimentos sociais.

Diante a importância e centralidade do trabalho na vida do imigrante aqui assinalada, esta dissertação toma como base teórica a Ergologia, como forma de análise e compreensão dessas histórias de inserções laborais. Esta clínica do trabalho se interessa especialmente pela atividade de trabalho humana, em suas múltiplas e complexas relações. Toma como base a premissa ergonômica de compreender ↔ transformar, experimentando um dispositivo de produção de saberes sobre o trabalho e a atividade humana (Schwartz, 2011).

A relação da representação tecida em torno do trabalho precisa ser lida a partir do contexto histórico, bem como a relação entre o trabalho humano e a vida social. Simplificar o trabalho é praticamente impossível e parte de uma ilusão, visto que a atividade técnica, aquela que é possível medir e esmiuçar, diz respeito apenas a uma das dimensões do trabalho humano. As outras dimensões estão no lidar com a técnica.

Assim, podemos dizer que o conceito de trabalho mora no encontro entre a técnica e o enigmático. Entendendo o trabalho como atividade humana, então, torna-se fundamental a compreensão da atividade como um impulso de vida e de saúde, que não possui limite pré-estabelecido e está diretamente ligado com tudo o que se representa separadamente, como o corpo e o espírito, o individual e o coletivo, o fazer e os valores, o privado e o profissional, o imposto e o desejado, etc. (Schwartz, 2011).

A experiência humana no trabalho se dá por meio de uma permanente gestão de si mesmo, o que subentende que o ato de trabalhar não diz respeito simplesmente ao uso de homens e mulheres pelos gestores dos sistemas de produção, mas é

também uma experiência de si mesmo e uma relação com a sua própria história (Schwartz, 2004).

Nesse sentido, o micro da atividade humana pesa no macro da vida social e também o inverso, a medida em que o indivíduo gerencia a si mesmo como ser do e no trabalho, ou seja, das dramáticas de uso de si, ou dos debates de normas. Essa dramática diz respeito as escolhas feitas constantemente no trabalho, onde, a partir delas, admite-se os riscos de falhar, desagradar, criar dificuldades, bem como a partir delas se escolhe por si mesmo, e as responsabilidades pela escolha que se fez. Sentenciar essas escolhas é a representação do o uso de si no trabalho.

Nesses posicionamentos, chamamos de uso de si por si o que se leva em conta como seus gostos, sua inteligência e sua história, reajustando valores e critérios pessoais que se adequem à sua “realidade”, e o uso de si pelos outros o conjunto de estatutos variados, que vêm dos outros, dos colegas ou superiores que prescrevem a atividade, visto que nunca se trabalha totalmente isolado, tornando o trabalho uma realidade que é coletiva e ao mesmo tempo individual, sendo altamente singular (Holz & Bianco, 2014).

Sendo assim, a forma subjetiva que o indivíduo compreende o sentido do trabalho leva em consideração o contexto social ao qual o indivíduo está inserido. Dessa maneira, analisar esta compreensão permitirá a visualização da importância do trabalho para a vida do imigrante como um sujeito inserido em uma nova e diferente cultura e sociedade, bem como a identificação de quais os impactos subjetivos causados pela inserção no trabalho em sua saúde. Além disso, tal análise permitiria acessar como o trabalho contribui para o processo de integração dos imigrantes nesse novo contexto, alcançando ou não seu desejo por melhoria de vida (Boas & Morin, 2015).

Dessa forma, essa dissertação tem como objetivo geral compreender as trajetórias de trabalho de venezuelanos que migraram para a cidade de João Pessoa.

Como objetivos específicos, tem-se:

- Descrever o perfil sociodemográfico dos imigrantes venezuelanos acolhidos na cidade e seus processos migratórios;
- Identificar suas condições de vida na cidade;
- Identificar as dramáticas na busca por trabalho em um novo país e investimento de seus saberes;
- Analisar os usos de si antes e depois da migração.

Espera-se, assim, que este estudo contribua com um olhar mais profundo e específico a respeito das necessidades desses indivíduos, colaborando com sua integralização nesse novo contexto e com a melhoria de sua saúde mental, visto a importância desse fator para uma melhor qualidade de vida, minimizando assim os danos causados pela necessidade de refúgio e fuga de seu lugar de origem.

Esta dissertação encontra-se organizada em três artigos, o primeiro tem como título *“Imigração venezuelana no Brasil e trabalho: uma revisão integrativa”*, que teve como objetivo a realização de uma revisão integrativa a respeito da inserção no mercado de trabalho por imigrantes venezuelanos no Brasil. O segundo artigo tem como título *“Trajetórias de trabalho de imigrantes venezuelanos na cidade de João Pessoa-PB”*, que teve como objetivo analisar as trajetórias de trabalho de venezuelanos que migraram para a cidade de João Pessoa. E o terceiro artigo intitulado *“Trajetórias de trabalho e desafios de imigrantes venezuelanos indígenas de etnia Warao na cidade de João Pessoa-PB”*, que teve como objetivo compreender as trajetórias de trabalho, bem como os desafios de imigrantes venezuelanos indígenas de etnia Warao na cidade de João Pessoa – PB.

## 2 ARTIGO 1: IMIGRAÇÃO VENEZUELANA NO BRASIL E TRABALHO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo a realização de uma revisão integrativa a respeito da inserção no mercado de trabalho por imigrantes venezuelanos no Brasil. O Brasil vem passando por um fluxo expressivo e diversificado de imigrantes venezuelanos urbanos e indígenas de etnia Warao. Esses deslocamentos são forçados por uma grave crise humanitária diretamente ligada a problemas políticos, econômicos e sociais. Boa parte dos imigrantes venezuelanos no Brasil procuram por trabalho, constituindo assim um cenário desafiador. Desse modo, foi realizada uma revisão integrativa da literatura, que cumpriu seis etapas: identificação do tema e questão de pesquisa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; definição de informações a serem retiradas dos estudos; avaliação dos estudos incluídos; interpretação dos resultados; e apresentação da revisão. Concluiu-se que a situação encontrada no Brasil não garante uma inserção digna de imigrantes venezuelanos no mercado de trabalho. Dificuldades como o acesso à documentação, a realização de atividades laborais em menor nível de formação, a dificuldade com a língua portuguesa, e a xenofobia e discriminação nos ambientes de trabalho são visíveis na literatura. Essas dificuldades se intensificam quando falamos de mulheres venezuelanas e indígenas Warao. Os postos de trabalho em sua maioria são precarizados, com horários e turnos mais difíceis, não equivalentes à sua formação, na informalidade, e até mesmo em condições análogas à escravidão.

**Palavras-chave:** Imigrantes venezuelanos; trabalho; precarização.

### Introdução

Desde o início da crise humanitária na Venezuela, o Brasil tem sido rota de imigrantes e refugiados venezuelanos, que veem no Brasil uma possibilidade de uma nova vida. O fluxo de deslocamento venezuelano ao Brasil aumentou desde 2015, fazendo com que as solicitações de refúgio tenham, nos últimos anos, alcançado números altos (Theves & Uebel, 2021). Esse fluxo é expressivo e diversificado. Situações como o desemprego, inflação, desabastecimento de produtos básicos, e consequentemente a fome, aparecem como as maiores motivações para a migração (Miranda, 2022).

No Brasil, percebe-se a imigração tanto de venezuelanos urbanos, quanto de indígenas da etnia Warao (Oliveira, 2019). O deslocamento de venezuelanos já pode

ser visto como um dos maiores da história recente da América Latina e do Caribe. Nesses deslocamentos enfrentam a falta de recursos financeiros, alimentação escassa, dificuldades de encontrar lugares para dormir, insegurança, dificuldade de acesso a transporte, falta de documentos de viagem, pouca informação e preocupações com a saúde. (Miranda, 2022).

Esses deslocamentos são forçados por uma grave crise humanitária diretamente ligadas a problemas políticos, econômicos e sociais. Tal situação pede às autoridades do Brasil, nos âmbitos federal, estadual e municipal, a chance de um acolhimento digno e uma possibilidade de integração desses venezuelanos no Brasil (Oliveira, 2019).

Para tanto, desde 2018, o governo federal criou a “Operação Acolhida” através do Decreto nº 9.285/2018, como resposta ao grande fluxo migratório de venezuelanos em direção ao Brasil, e que se pauta em três ações principais. Em primeira instância se realiza o ordenamento da Fronteira com o objetivo de receber e identificar os imigrantes que chegam ao Brasil por Roraima. Após a primeira etapa se garante alimentação, proteção, segurança, saúde, atividades sociais e educativas, bem como se direciona os imigrantes para o processo de regularização migratória e resolução de pendências documentais. A terceira etapa diz respeito a interiorização para outros estados e inserção no mercado de trabalho (Miranda, 2022).

Ao falarmos de trabalho e imigração, cabe ao Estado assegurar os meios de acesso ao trabalho aos refugiados acolhidos no Brasil através de políticas públicas (Silva & Bento, 2021). Boa parte dos imigrantes venezuelanos no Brasil procuram por trabalho, constituindo assim um cenário desafiador (Theves & Uebel, 2021). A ideia de uma melhor condição de vida desses venezuelanos imigrantes/refugiados está

firmada, portanto, na promoção do trabalho decente, além de também em diversas outras assistências como saúde e educação (Nagasaki, Assis & Figueiredo, 2020).

Na busca por melhor qualidade psicossocial e de postos de emprego, a saúde psíquica desses imigrantes é impactada, colocando-os em situação de vulnerabilidade agravada. Visualiza-se com base na literatura que a maior parcela dessa população está exposta a condições laborais precárias, condições de superexplorações, e até mesmo o exercer de atividades análogas à escravidão. Dessa forma, compreender a relação trabalho-imigração é fundamental, afim de que propostas funcionais sejam criadas (Gregoviski, 2021).

Para compreendermos o fenômeno do trabalho, parte-se da ergologia, por assumir que em toda atividade coloca-se em prática um saber pessoal que é resultado da história individual de cada um, construída através de sua experiência não apenas profissional, mas também social, familiar, cultural, etc. (Trinquet, 2010). A ergologia contribui, então, ao visualizar de maneira plural o ser humano que realiza a atividade, relacionando a pessoa com o seu meio, debatendo as normas e valores, atualizando a atividade humana e o trabalho, partindo da ideia que a atividade de trabalho não se separa das outras circunstâncias da vida (Souza, 2021).

A partir disso, e pensando na relação entre o processo migratório de venezuelanos em direção ao Brasil e questões relacionadas ao acesso e inserção desses indivíduos no mercado de trabalho nacional, questiona-se: como tem se dado a inserção no trabalho pelos imigrantes venezuelanos no Brasil? Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo a realização de uma revisão integrativa a respeito da inserção no mercado de trabalho por imigrantes venezuelanos no Brasil.

## **Metodologia**

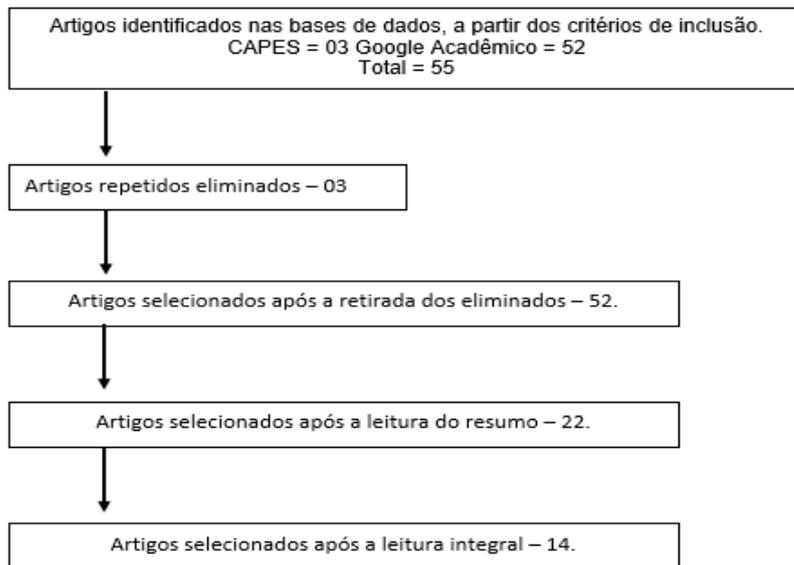
Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, método que tem por objetivo a sintetização de resultados encontrados através de pesquisas de um tema em específico, produzindo informações mais amplas de um problema, correlacionando dados de literatura tanto teóricos quanto empíricos, afim de alcançar uma compreensão mais abrangente. Para tanto, foi necessário o cumprimento de seis etapas: (1) identificar o tema e selecionar a questão de pesquisa; (2) estabelecer critérios de inclusão e exclusão; (3) definir informações a serem retiradas dos estudos selecionados; (4) avaliar os estudos incluídos; (5) interpretar os resultados; e (6) apresentar a revisão (Mendes & Galvão, 2019).

A coleta de dados ocorreu entre abril e maio de 2022, as bases de dados utilizadas foram: Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Os descritores e operadores booleanos utilizados foram: trabalho AND imigração AND venezuelanos, respectivamente. Foram estabelecidos como critérios de inclusão: disponibilidade do artigo completo; estar em língua portuguesa e/ou espanhola; conter ao menos um dos termos (descritores) no título do artigo; ter a temática relacionada ao trabalho após a imigração dos venezuelanos para o Brasil como tema central do estudo; e ter sido publicado entre os últimos cinco anos (2017 a 2022). Foi considerado como critério de exclusão os artigos repetidos.

A partir de tais critérios, foram encontrados um total de 49 artigos no portal Periódicos CAPES, e 5.100 artigos no Google Acadêmico. Após a leitura dos títulos, 3 artigos foram selecionados no Periódicos CAPES e 52 artigos foram selecionados no Google Acadêmico, totalizando 55 artigos. Destes 55 artigos, 3 foram retirados por serem repetidos, totalizando 52 artigos. Após a leitura dos resumos, foram selecionados 22 artigos e após a leitura integral, 14 se enquadraram em todos os critérios de inclusão. Desses 14 selecionados, 10 são artigos, 2 são monografias, 1

diz respeito a um trabalho apresentado em congresso, e 1 diz respeito a uma dissertação de mestrado. Dos 14 artigos selecionados, 4 foram publicados no ano de 2019, 5 no ano de 2020 e 5 em 2021.

Figura 1 – Fluxograma dos resultados



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

## Resultados e discussão

A tabela 1, que segue abaixo, apresenta os artigos selecionados através dos critérios já explicitados, destacando-se os objetivos e resultados dos estudos, bem como informações como título, autor, ano e tipo.

Tabela 1 – Descrição dos artigos selecionados

Título	Autor/Ano	Objetivo	Tipo
Política migratória e direito ao trabalho: estudo de caso sobre a acolhida de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil.	Silva & Bento, 2021.	Analisar as dificuldades e as condições juslaborais vivenciadas pela população proveniente da Venezuela recém-chegada ao Sul do Brasil.	Artigo
Contexto sociojurídico do trabalho dos imigrantes venezuelanos em Boa Vista/RR.	Neto & Padilha, 2020.	Compreender o perfil social dos trabalhadores venezuelanos e verificar quais são os direitos existentes, e sua efetividade no trabalho do imigrante no Brasil.	Trabalho em Evento
A Aplicabilidade da Convenção n.º 105 da OIT: Uma análise dos venezuelanos encontrados em	Nagasaki, Assis & Figueiredo, 2020.	Discutir a aplicabilidade da Convenção nº 105 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em relação ao contingente imigratório de venezuelanos no Brasil.	Artigo

condições análogas à de escravo no Brasil.			
Imigração venezuelana: os Waraos e o direito à moradia, à educação, ao trabalho e à cidade de Manaus (2016-2019).	Ribeiro, 2021.	Analisar os olhares discriminatórios e muitas vezes xenofóbicos dos moradores manauaras acerca da imigração venezuelana-warao que vêm sendo percebida em diversos espaços de Manaus.	Artigo
Desafios, limites e potencialidades do empreendedorismo de refugiados, solicitantes de refúgio e imigrantes venezuelanos no Brasil.	Barbosa, Tonhati, Herrera & Silva. Ano?	Compreender o perfil do empreendedor venezuelano no Brasil a partir de suas particularidades e considerando o cenário do processo de migração e suas consequências para o desenvolvimento de seus negócios.	Artigo
O venezuelano e o trabalho informal nos semáforos de Boa Vista.	Júnior, Oliveira & Pimentel, 2021.	Observar e relatar a situação precarizada em que os imigrantes venezuelanos se encontram em Boa Vista, tal como dar visibilidade a condição que esta população se encontra, além de um breve relato e esclarecimento sobre a informalidade no campo de trabalho.	Artigo
Venezuelanas no Brasil: trabalho e gênero no contexto da Covid-19.	Andrade, Bitencourt, Santos & Vedovato, 2020.	Discutir a tríade mulheres venezuelanas, trabalho e o contexto da pandemia da Covid-19.	Artigo
Inserção de imigrantes no mercado de trabalho.	Oliveira, Oliveira, Cavalcanti e Guedes, 2019.	Realizar um diagnóstico da integração dos migrantes no mercado de trabalho brasileiro ao longo da última década com uso de ferramentas de análise estatística.	Artigo
Inserção laboral de imigrantes venezuelanos em Curitiba: desafios e possibilidades.	Ailán, 2020.	Compreender o processo de inserção laboral (constatações, dificuldades, facilitadores e entraves) dos venezuelanos na realidade social de Curitiba.	Monografia
Analisando a inserção dos refugiados venezuelanos no mercado de trabalho do Recife: uma oportunidade de investir na diversidade cultural das empresas?	Albuquerque, 2019a.	Analisar a inserção dos refugiados venezuelanos nas empresas recifenses, a partir da experiência vivenciada pela Cáritas Brasil.	Monografia
Migração venezuelana e a exploração de trabalho análogo ao de escravo em Roraima.	Fagundes, 2019.	Relatar a atuação Grupo Especial de Fiscalização Móvel (GEFM) por meio da Inspeção do Trabalho no Brasil no combate ao trabalho análogo a escravidão de migrantes venezuelanos.	Artigo
O sentido do trabalho a partir da experiência de migrantes venezuelanos e seus reflexos na socialização e diversidade no mercado de trabalho.	Züge, 2021.	Compreender como se dá o sentido do trabalho, a socialização e a diversidade na inserção dos migrantes venezuelanos no mercado de trabalho no município de Santa Maria/RS.	Dissertação
Perfil laboral de refugiados venezuelanos no Brasil.	Bispo & Silva, 2021.	Discutir interdisciplinarmente a inserção dos citados refugiados no mercado de trabalho brasileiro, englobando as áreas do Direito Internacional e Direito do Trabalho, bem como a Sociologia.	Artigo
Saúde e migração em Roraima: rede social migratória e impactos psicossociais na vida do migrante	Silva, Barreto & Barreto, 2020.	Caracterizar as condições do trabalho informal e seus impactos psicossociais na vida do migrante venezuelano.	Artigo

---

venezuelano enquanto  
trabalhador informal.

---

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Todos possuem como objetivo principal a discussão de questões relacionadas ao trabalho/inserção laboral de imigrantes venezuelanos no Brasil. As publicações levam em consideração o aumento do fluxo migratório da Venezuela para o Brasil após o crise político-social que o país vem enfrentando e possuem seus resultados pautados na discussão desses elementos e correlação com a literatura. Em geral, os estudos tratam de temas como as políticas de direito ao trabalho que são direcionados a indivíduos migrante no Brasil, os obstáculos vivenciados para conseguirem a inserção laboral no mercado de trabalho nacional, e os postos de ocupação laboral, relações de trabalho e a precarização.

#### *Políticas de direito ao trabalho direcionados aos migrantes no Brasil*

Existe uma relação muito próxima entre o fenômeno migratório e a questão da inserção laboral. Os migrantes procuram por inserção social no país de acolhida, tendo seu início, na maioria das vezes, na procura por um trabalho que venha a prover suas necessidades básicas. O direito ao trabalho, compreendido como um direito humano, tem seu papel como uma condição mínima para proporcionar condições de acesso aos demais direitos sociais. Além de proporcionar o sustento do migrante e suprir suas necessidades econômicas, o trabalho desempenha importante papel ao legitimar o lugar do migrante em espaços públicos e defender seus direitos civis e políticos (Silva & Bento, 2021).

Nesse sentido, o direito ao trabalho no rol de direitos sociais não diz respeito apenas à discussão técnica do trabalho, mas também ao direito de trabalho digno, pois a Constituição apresenta-o como fundamento à dignidade da pessoa humana e

qualquer forma de trabalho que esteja em dissonância a isso deve ser combatido pelo Estado (Nagasaki, Assis & Figueiredo, 2020).

Nessa direção, como aponta Schwartz (2011), o trabalho vai além da atividade técnica. A simplificação do trabalho seria algo praticamente impossível, pois nos deparamos com o fato de que a atividade técnica, ou seja, suas normas e medições é apenas uma das dimensões do trabalho humano. Na outra dimensão está tudo aquilo que o “lidar com a técnica” proporciona.

Então, levando em consideração a concepção ergológica, o conceito de trabalho encontra-se justamente no diálogo entre essas duas dimensões, dimensões que emergem nos estudos ao analisarem o trabalho na vida dos migrantes venezuelanos. Trata-se não apenas do acesso a bens de consumo, mas também de sua colocação no Brasil como trabalhadores. O trabalho vai ser sempre encontro e debate de valores. Isto sendo ignorado, não se poderá compreendê-lo bem. É inseparável dos meios de vida, sendo impossível uma neutralidade em sua construção. Proporciona e atua como uma relação de forças entre o que é social e o que é pessoal (Holz & Bianco, 2014). Assim, todo ser humano, todo grupo humano no trabalho é considerado um centro de vida, e sua vida no trabalho não possui uma esfera distinta que o separa da de sua vida pessoal (Schwartz, 2011).

Ao tratamos do estabelecimento de igualdade no tratamento de nacionais e estrangeiros, como propõe a Lei de Refúgio em acordo com a nova Lei de Migração, que substituiu o antigo Estatuto do estrangeiro, encontramos justamente o trabalho como o principal meio para recuperar a dignidade da pessoa humana em extrema vulnerabilidade, visto que, a possibilidade do indivíduo de conseguir manter a sua subsistência está totalmente relacionado com sua dignidade enquanto ser humano (Silva & Bento, 2021). Homens e mulheres estrangeiros possuem, então, os mesmos

direitos trabalhistas previstos na constituição federal que os brasileiros. O reconhecimento desses direitos objetiva justamente a necessidade de que eles sejam vistos como iguais, favorecendo, em tese, a sua inserção no mercado de trabalho brasileiro (Neto & Padilha, 2020).

Embora a nova Lei de Migração brasileira seja um avanço no olhar para os imigrantes e seus direitos, incluso ao trabalho decente, ela não se mostra suficiente em integrar de maneira eficaz os migrantes no mercado de trabalho nacional, no que diz respeito ao aproveitamento de suas habilidades e competências (Oliveira, Cavalcanti & Guedes, 2019). Em concordância, o estudo de Nagasaki, Assis & Figueiredo (2020) relata que, na prática, o que é possível visualizar é que as oportunidades de trabalho na região norte do país são escassas, não se inserem ou não se classificam como decente.

Também emerge nos artigos selecionados a implementação por parte do Estado brasileiro da força-tarefa logística e humanitária chamada de “Operação acolhida”, que busca através das forças-armadas o amparo e recepção dessa população ordenando a fronteira, abrigando os imigrantes e, em último ponto, interiorizando-os para outros estados do país, com o objetivo de ofertar melhores condições de inserção no mercado trabalho. Porém, pontua-se que, ainda que haja esse aparato pelo Estado na tentativa de uma melhor inserção dos imigrantes venezuelanos no mercado de trabalho brasileiro, uma parcela alta informa ainda estar sem trabalho mesmo após a estratégia de interiorização e saída das casas de apoio, o que revela uma certa fragilidade da política implementada (Silva & Bento, 2021).

Ailán (2020) destaca algumas outras políticas nos estados do sul do Brasil e no país, como por exemplo o SINE - Sistema Nacional de Emprego, órgão do governo federal do Brasil, coordenado pelo Ministério da Economia, que objetiva unificar mão-

de-obra por meio de suas agências criando postos de trabalho. Porém, tece críticas por não pensar em postos de trabalhos que sejam inclusivos e pautados na qualificação, terminando por contribuir com a informalidade. No que diz respeito às políticas que incentivam o empreendedorismo dos imigrantes, Barbosa, Tonhati, Herrera e Silva (2020) apontam como maiores facilitadores as instituições de acolhimento e de incentivo ao empreendedorismo como a Missão Paz, Cáritas, Migraflix, e o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) (Barbosa, Tonhati, Herrera & Silva, 2020).

Sendo assim, ao verificarem e descreverem tais políticas e conseqüentemente suas potencialidades e fragilidades, Bispo e Silva (2021) enfatizam a necessidade urgente de que o Brasil reflita e possa implementar de uma forma mais eficaz políticas públicas que viabilizem condições dignas aos refugiados, principalmente na inserção ao mercado de trabalho.

#### *Obstáculos para a inserção laboral dos imigrantes venezuelanos*

Diversos são os problemas que os imigrantes venezuelanos encontram para a recolocação no mercado de trabalho brasileiro, fazendo com que se sujeitem a informalidade, à traficantes de mão de obra, à empregadores de fachada, ao trabalho análogo à escravidão, ou ao desemprego aliado à pobreza (Silva & Bento, 2021). Nesse sentido, estudos como o de Albuquerque (2019a), Nagasaki, Assis e Figueiredo (2020), Bispo e Silva (2021) e Silva e Bento (2021) convergem em pontuar diversos obstáculos, como por exemplo: o acesso à documentação, a não equivalência entre nível de formação e ocupação desempenhada, a barreira da língua portuguesa, a burocracia na revalidação dos diplomas e a xenofobia e discriminação nos ambientes de trabalho.

A obtenção de determinados documentos, como por exemplo a carteira de trabalho (CTPS), é um dos fatores que mais dificulta o acesso dos venezuelanos ao trabalho. Isso acontece pelo fato deles saírem de seu país às pressas, cruzando as fronteiras brasileiras sem a documentação mínima necessária para se regularizar. Quando chegam ao Brasil normalmente buscam a solicitação de refúgio, justamente por ser esse o meio mais rápido e fácil de permanecer no país e manter a oportunidade de se inserir no mercado de trabalho brasileiro. Ao fazer a solicitação, a CTPS é expedida, e a portabilidade de todos os documentos necessários para trabalhar seria uma das condições para se interiorizar, porém alguns venezuelanos já interiorizados ainda não a possuem (Silva & Bento, 2021).

A maior problemática das políticas migratórias brasileiras para Oliveira, Oliveira, Cavalcanti e Guedes (2019) mora na incapacidade de integrar o imigrante no mercado de trabalho nacional de acordo com a sua qualificação, justamente pelo fato de que existe uma enorme dificuldade em validar seus diplomas estrangeiros e conseqüentemente em reconhecer suas habilidades. Em complementação à essa ideia, Silva e Bento (2021) explicam esse obstáculo através da demora na apreciação das solicitações devido à sobrecarga das demandas nas universidades públicas, única instituição capaz de realizar a revalidação desses diplomas, bem como a inexistência de um procedimento padrão para darem entrada nesse processo, além dos altos custos de taxas cobradas.

A barreira da língua portuguesa é possivelmente a maior dificuldade enfrentada pelos imigrantes no Brasil. À medida que não dominam a língua portuguesa, os trabalhadores imigrantes são colocados em risco de terem seus direitos trabalhistas violados pela dificuldade ou impossibilidade de argumentar contra essas violações tendo sua mão de obra exploradas, perderem oportunidades de contratação em

cargos que precisem de maior necessidade de comunicação e prestar provas de certificação de conhecimentos para acessar determinada vaga, o que torna a alfabetização imprescindível à inserção laboral (Silva & Bento, 2021).

Ainda assim, àqueles venezuelanos que possuem seus documentos de imigração, aulas de português em instituições públicas e apoio das organizações de gestão de migrantes, não estão sendo incluídos no mercado formal de trabalho brasileiro, pois o protocolo de refúgio para conseguir um emprego em muitos lugares não é aceito (Ailán, 2020). Para Züge (2021), o idioma se destaca como um obstáculo nas relações, porém, consegue ser superado através do acolhimento por parte dos colegas.

No que diz respeito a não equivalência entre nível de formação e ocupação desempenhada, nota-se um número significativo de venezuelanos com maior qualificação profissional, mas que trabalha em áreas distintas das que exerciam na Venezuela, ainda que com experiências e formação para ocuparem cargos maiores. Isto ocorre pelo fato de não conseguirem comprovar sua qualificação profissional, necessitando de maneira consequente recorrer a postos de trabalho que exigem menos qualificação. Há relatos de contratados com remuneração para uma função de hierarquia menor e, no exercício laboral, precisarem fazer uso de conhecimentos referentes a sua real qualificação profissional (Silva & Bento, 2021).

Nesse sentido, ao descrevem sobre o perfil sociodemográfico de imigrantes venezuelanos residentes no Brasil, Nagasaki, Assis e Figueiredo (2020) apresentam dados que corroboram com as questões citadas anteriormente pois, boa parte dos imigrantes venezuelanos entrevistados possuíam ao menos o ensino médio completo ou uma formação em nível superior completa, mas a incapacidade do sistema em

integrá-los gera um panorama onde a mão-de-obra qualificada se sujeita a condições degradantes.

Esses obstáculos ficam ainda mais acentuados quando tratamos dos imigrantes venezuelanos não urbanos, os que pertencem ao povo indígena Warao. Eles têm enfrentado uma situação complicada quando o quesito é emprego, visto que esbarram na dificuldade com língua portuguesa, na falta de escolaridade e de documentação. Além disso, suas configurações culturais são bem diferentes, os tornando imigrantes não desejáveis, visto que os desejáveis seriam aqueles que estão aptos aos trabalhos estruturados pela sociedade ocidental (Ribeiro, 2021).

O discurso que reforça o estigma de imigrantes como ameaça à segurança nacional e à ordem econômica ainda é bastante propagado, ainda mais quando tratamos de imigrantes em condições de vulnerabilidade que vêm de países periféricos. Quando tratamos sobre discriminação e xenofobia, vem à tona um dos maiores receios dos brasileiros: a substituição da mão de obra de nacionais pela estrangeira, causando desemprego para os brasileiros. Porém, o que vemos na prática é que apesar de um grande aumento do número de refugiados, a porcentagem de imigrantes em comparação aos nacionais é muito baixa, o que não sustenta a tese de uma ameaça à ordem econômica (Silva & Bento, 2021).

A partir de observações descritas por Júnior, Oliveira e Alves (2021) em sinais e cruzamentos das ruas de Boa Vista, pôde-se perceber a discriminação xenofóbica sofrida pelos venezuelanos que desempenhavam trabalho informal como pedintes e vendedores. Eram ignorados pelos motoristas, em média, cerca de 75% das vezes em que carros paravam no semáforo, e ainda assim os venezuelanos os cumprimentavam e agradeciam, mesmo que sem contribuição ou doação, assim

como, muitos condenavam e recusavam seus serviços por os subjugarem a partir de sua nacionalidade.

A xenofobia atinge ainda mais o povo Warao, os quais possuem costumes de vida baseados na pesca, caça e artesanato. Suas vivências culturais diferentes são constantemente alvo de atentados intolerantes de moradores nacionais, que os estigmatizaram de preguiçosos, que não querem trabalhar. Esse viés parte da ideia de que o trabalho dignifica os homens, o que é bastante empregado nas sociedades modernas e pós-modernas (Ribeiro, 2021).

É possível visualizar e destacar que todas essas dificuldades descritas até aqui, por sua vez, podem também se pautar na questão de gênero, a medida que todos esses efeitos da exclusão social sofrido pelos venezuelanos ao estarem em um país diferente, por não serem falantes da língua portuguesa, e a vulnerabilidade às vivências de assédio e outras formas de violência atingem ainda mais as mulheres (Andrade, Bitencourt, Santos & Vedovato, 2020).

Sendo assim, os obstáculos presentes na integração dos imigrantes venezuelanos no mercado de trabalho brasileiro não ocorrem pela escassez de competências, mas sim em decorrência da falta de uma política que resolva essas questões como falta de documentação, procedimentos, revalidação de diplomas, diferenças culturais, língua e xenofobia (Albuquerque, 2019).

#### *Postos de ocupação laboral, relações de trabalho e precarização*

As incertezas motivadas por um sistema produtivo em constante mudança, de modo acelerado e que se torna rapidamente ultrapassado afetam o mundo do trabalho assim como a oferta de mão de obra migrante, na maioria das vezes mobilizada para redução dos salários (Silva & Bento, 2021). Dessa forma, os processos migratórios podem estar ligados às dinâmicas do capitalismo, que no objetivo de diminuir custos e aumentar lucros, faz com que pessoas busquem trabalho em países que demandam

por mão de obra pouco qualificada e de baixos salários (Andrade, Bitencourt, Santos & Vedovato, 2020).

É perceptível que a direção da migração é pautada, em primeira análise, pelo mercado de trabalho. O migrante busca ser absorvido pelo mercado de trabalho do país de destino, onde normalmente vão ocupar postos diferentes de sua área de experiência profissional ou de formação, e pela necessidade e vulnerabilidade, acabam submetendo-se a esses postos de trabalho (Silva, Barreto & Barreto, 2020). Nesse sentido, para a Ergologia, é justamente no enfrentamento cotidiano do mundo que a experiência se produz, por meio da atividade, através da qual o sujeito se expõe, se coloca à prova, se submete aos medos, às frustrações, e aos limites. A travessia desses enfrentamentos permite o desenvolvimento da experiência e a produção de um saber e de uma práxis. Nesse aspecto, a experiência pode ser compreendida como aprendizagem que decorre do encontro - e muitas vezes do confronto - do sujeito com o real (Mata, Oliveira & Barros, 2017).

A crise na Venezuela que trouxe um grande número de imigrações de venezuelanos para o Brasil em busca de uma melhor condição de vida e se depararam com um país, principalmente em sua região Norte, não preparado para recebê-los, o que resultou em muitos imigrantes venezuelanos necessitando se sujeitar a trabalhos degradantes e em condições análogas à escravidão (Nagasaki, Assis & Figueiredo, 2020).

Em 2017, pela primeira vez houve um resgate de trabalho escravo na região urbana de Roraima, e primeiro na capital Boa Vista. Tratava-se de 4 imigrantes venezuelanos que prestavam serviços para uma empresa de montagens de tendas para festas e coletas de entulhos. Além do baixo salário, jornadas exaustivas e condições precárias, os venezuelanos também sofriam recorrentes humilhações.

Resgates como esse, de venezuelanos em trabalhos análogos à escravidão voltaram a acontecer nos anos seguintes e em diversos outros locais, o que evidencia não estarmos tratando de casos isolados que coincidem com a migração em massa desses indivíduos nos últimos anos (Fagundes, 2019).

Em uma análise da disciplina legal quanto à proteção dos direitos trabalhistas de estrangeiros no Sul do Brasil, Silva e Bento (2021) apresentam problemáticas relacionadas à jornada de trabalho superiores a oito horas por dia, diferenças nas horas de trabalho entre nacionais e imigrantes venezuelanos que ocupavam o mesmo cargo, jornadas maiores que as previstas em contrato, horários de descanso concedidas de maneira parcial e salários incompletos. Silva, Barreto e Barreto (2020) na mesma direção também pontuam o trabalho em horários desfavoráveis como finais de semana e expedientes noturnos, ambientes desconfortáveis e ambientes inseguros, o que deixa evidente a precarização laboral ao qual o migrante está submetido.

Com relação aos cargos e postos de ocupação laboral no mercado nacional, os imigrantes venezuelanos no Brasil se distribuem no exercício de atividades diversas, sendo destaque exercícios relacionadas a produção de bens e serviços industriais, setor que tem empregado mais refugiados no Brasil (Bispo & Silva, 2021). Diferentemente do descrito no estudo anterior, o setor do comércio seria o listado como uma das áreas que mais introduziram os imigrantes venezuelanos, ainda que eles possuíssem capacitação para exercerem outros postos de trabalho superiores (Silva & Bento, 2021). Ao abrangermos para dados da Coordenação Geral de Polícia de Imigração e o ACNUR, o perfil da profissão dos trabalhadores imigrantes é em maior parte de pedreiros, serventes, gesseiros, e com idades entre 18 a 49 anos (Neto & Padilha, 2020). Sendo assim, podemos perceber que não existiu nos estudos um

consenso com relação às áreas e cargos que mais são ocupados pelos venezuelanos no Brasil.

Outro posto de ocupação pelos imigrantes venezuelanos descrito nos estudos é na informalidade, que é entendida e considerada como trabalho justamente por ser um meio de sobrevivência. O trabalho informal ganha forças devido a precarização e manutenção dos direitos trabalhistas, está implicado diretamente na depreciação da força de trabalho e está diretamente ligado a precarização. Assim, as principais atividades praticadas pelos venezuelanos descritas são as de limpar carros, vender objetos, estarem como pedintes em sinais, e buscar emprego formal ou informal através de cartazes escritos à mão (Júnior, Oliveira & Alves, 2021).

Descrevendo sobre a informalidade, Silva, Barreto e Barreto (2020) discorrem sobre venezuelanos que possuíam empregos formais na Venezuela, e no Brasil trabalham informalmente. O cargo mais ocupado na informalidade seria a de vendedor ambulante, que concentra trabalhadores com menos escolaridade e de faixa etária jovem.

Nesse sentido, Ailán (2020) em análise sobre a inserção dos imigrantes venezuelanos no mercado de trabalho de Curitiba, apresenta que não é possível afirmar que tais indivíduos já se inserem no espaço público no que diz respeito ao acesso e inserção no mercado formal, restando apenas o campo da informalidade. Essa situação não seria diferente em outras regiões do país. Nessa mesma linha, Albuquerque (2019a) apresenta dados sobre a inserção laboral de venezuelanos em Recife, no nordeste do Brasil, afirmando que diversas questões como falta de documentação e revalidação de diplomas dificultam a inserção dos venezuelanos no mercado de trabalho, fazendo com que eles atuem em empregos informais, de pouca remuneração e em desacordo com a sua formação.

Ao tratarmos sobre os cargos e postos de trabalhos ocupados por mulheres imigrantes venezuelanas, visualizamos também uma tentativa de ingressar no mercado de trabalho necessitando se submeter a trabalhos inferiores às suas qualificações, principalmente em áreas voltadas ao cuidado, como babás, ou de limpeza, como empregadas domésticas, o que revela que os papéis de gênero criados na ideia da mulher cuidadora ainda estão presentes na cultura latina (Andrade, Bitencourt, Santos & Vedovato, 2020).

Em geral, as mulheres venezuelanas possuem empregos em condições extremamente piores do que os homens, e as taxas de desemprego é o dobro comparada com a dos homens (Züge, 2021). Outra justificativa para que os trabalhos domésticos sejam mais presentes quando tratamos das atividades laborais desempenhadas pelas imigrantes venezuelanas estaria a justificativa da não exigência de formação ou comprovação de experiência (Bispo & Silva, 2021).

Em análise a respeito do sentido atribuído ao seu trabalho no Brasil por parte dos imigrantes venezuelanos, Züge (2021) aponta que em sua maioria se mostra insatisfeitos, em razão de desvalorização por parte dos seus superiores, pela ocupação em si e pela dificuldade linguística, e mantêm-se ocupando ainda esses postos pelo medo de ficarem desempregados e não conseguirem um trabalho melhor.

É possível também verificar nos estudos a presença daqueles que ocupam a posição de empreendedores, sejam por já possuírem negócios na Venezuela ou que passaram a empreender no Brasil. Ao tratar sobre eles, Barbosa, Tonhati, Herrera e Silva (2020) defendem que empreender não pode ser visto através de uma relação direta com o fato de ser migrante e com a dificuldade de se inserir em um emprego formal. Dessa forma, os imigrantes venezuelanos teriam ações empreendedoras interiorizadas em sua cultura, e, embora a maioria tenha mudado de ramo de atividade

no Brasil, isso demonstra flexibilidade e capacidade de se adaptar às realidades impostas a eles. Diferentemente, os estudos de Bispo e Silva (2021) e Silva e Bento (2021) se apoiam em uma ideia oposta, que reforçam que em sua maioria, os imigrantes venezuelanos buscam por emprego formal, adequados a seus níveis de formação, competências e experiências profissionais, e, ao se deparar com todos os obstáculos para essa inserção no mercado laboral nacional, necessitam se submeter à informalidade e/ou empreender.

A precarização e a presença de trabalho análogo à escravidão no Brasil já existiam; os fluxos migratórios apenas os intensificaram, devido a todas as problemáticas dessa correlação. A possibilidade de resolução dessas questões mora numa maior presença do Estado através de políticas públicas que objetivem o combate e a prevenção, e que seja capaz de atender tanto a demanda já existente, quanto as novas relacionadas aos imigrantes venezuelanos, advinda do grande fluxo migratório e que os tornam alvos fáceis de exploração no trabalho, bem como da precarização (Nagasaki, Assis & Figueiredo, 2020).

Para Antunes (2011), estamos diante de uma nova fase de desconstrução do trabalho que impulsiona os modos de ser da informalidade e da precarização, levando à inserção de uma nova era de precarização estrutural do trabalho em níveis globais. Para Standing (2013) ser precariado é ser sujeito a diversas pressões e diversas experiências que conduzem a uma existência que é precariada. Além disso, diz respeito a viver no presente sem uma identidade segura ou um senso seguro que permita desenvolver-se por meio do trabalho e de seu estilo de vida.

O apoio familiar emocional e financeiro com aqueles que já possuíam familiares no Brasil foi um facilitador. Aqueles que chegaram ao Brasil sem ou com poucos recursos financeiros enfrentaram dificuldades prolongadas (Barbosa, Tonhati, Herrera

& Silva, 2020). Aqueles que se mostram satisfeitos com relação a sua situação laboral no Brasil, demonstraram uma satisfação relacionada diretamente ao apoio junto a sua equipe, a possibilidade de aprendizagem durante seu exercício laboral, a garantia de salário e benefício de refeição e cesta básica (Züge, 2021).

Nessa perspectiva, a Schwartz (2011) enfatiza que a riqueza da experiência se relaciona diretamente na relação entre o sujeito e o seu coletivo. No caso aqui demonstrado, esse coletivo se revela a partir de relações com outros venezuelanos, sejam familiares, amigos, colegas de trabalho.

A aprendizagem ocorre tanto de um modo singular como de modo social, conduzindo-se na vida, tornando-se um patrimônio vivido, e proporcionando a construção de saberes que o transformam por constituí-lo como trabalhador. Essa construção de saberes dá suporte ao enfrentamento de situações que ameaçam sua vida e por convocá-lo a saber de si, do seu corpo, da sua história, da sua cultura e da sua humanidade (Mata, Oliveira & Barros, 2017). Pensar nas trajetórias de trabalho dos migrantes venezuelanos, é pensar nessas dramáticas, nos usos de si a partir dessas inserções laborais.

Em geral, podemos afirmar que os refugiados venezuelanos estão de inseridos no mercado laboral brasileiro de maneira extremamente precária. Essa inserção, quando existe, ocorre por meio de setores que não exigem comprovação de formação profissional, experiências e competências, e apresentam valores de salário na faixa do salário mínimo brasileiro (Bispo & Silva, 2021).

### **Considerações Finais**

A revisão integrativa empreendida neste artigo demonstra o que vem sendo produzido a respeito da inserção no mercado de trabalho por imigrantes venezuelanos

no Brasil. No geral, os estudos demonstram obstáculos e uma situação de intensa precarização desses trabalhadores. Se por um lado, a imigração venezuelana em direção ao Brasil se dá pela possibilidade de uma melhor qualidade de vida, fugindo da crise humanitária em seu país, por outro, a situação encontrada no Brasil não garante uma inserção digna.

Esse fluxo migratório causa mobilização justamente pela velocidade e intensidade na qual ocorreu, suas características, enfrentamentos e heterogeneidade, culminando na necessidade de um olhar especializado e resolutivo no que diz respeito ao acolhimento e integração desse povo, que parece ainda não ter acontecido de maneira suficiente. Partindo da centralidade do trabalho, não seria diferente na questão da imigração. Percebe-se de maneira clara a correlação de um posto de trabalho e uma melhor qualidade de vida por parte dos imigrantes venezuelanos no Brasil, fazendo com que a realização de uma atividade laboral e inclusão no mercado de trabalho nacional seja o desejo da maior parte desses indivíduos.

Diversas são as dificuldades de inserção dessa população no mercado de trabalho nacional. Dificuldades como o acesso à documentação, a realização de atividades laborais em menor nível de formação, a dificuldade com a língua portuguesa, a burocracia na revalidação dos diplomas e a xenofobia e discriminação nos ambientes de trabalho são visíveis na literatura. Essas dificuldades se intensificam quando falamos de mulheres venezuelanas, bem como do povo indígena Waraos, que além dos venezuelanos urbanos também acompanharam o fluxo migratório para o Brasil, fugindo das condições atuais do seu país de origem.

Quando conseguem postos de trabalho, é possível visualizar em sua maioria postos relacionados a trabalhos precarizados, ocupando os horários e turnos mais difíceis, em postos que não são equivalentes à sua formação profissional e

educacional, na informalidade, em sinais como pedintes ou vendendo objetos, e até mesmo em condições análogas à escravidão.

Diante do exposto, nota-se uma necessidade de uma maior compreensão da relação entre imigração e trabalho, tomando este como um fator central no estabelecimento de imigrantes em outro país, e não apenas como mais um fator que colabora. Necessita-se de mais estudos que visem discutir e analisar essas questões, bem como de políticas públicas que sejam mais eficazes no acolhimento e na integração desses imigrantes na sociedade brasileira, através de uma inserção laboral digna.

## Referências

- Ailán, E. R. A. (2020). *Inserção laboral de imigrantes venezuelanos em Curitiba: desafios e possibilidades*.
- Albuquerque, L. F. D. (2019). Migrantes e o processo de integração: um estudo de caso sobre migrantes venezuelanos em João Pessoa. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, PB, Brasil.
- Andrade, C. B., Bitencourt, S. M., Santos, D. L., & Vedovato, T. G. (2020). Venezuelanas no Brasil: trabalho e gênero no contexto da Covid-19. *UNICAMP/Núcleo de Estudos de População Elza Berquó*.
- Antunes, R. (2011). Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho. *Serviço Social & Sociedade*, (107), 405-419.
- Barbosa, L. A., Tonhati, T. M. P., Herrera, M. U., & Silva, L. C. (2020). Desafios, limites e potencialidades do empreendedorismo de refugiados, solicitantes de refúgio e imigrantes venezuelanos no Brasil. *Anais*, 1-9.
- Bispo, L. V. S., & Silva, J. B. (2021). Perfil laboral de refugiados venezuelanos no Brasil. *REN9VE-Revista Científica Campus XIX-UNEB*, 2(2), 58-71.
- Fagundes, M. K. (2019). Migração venezuelana e a exploração de trabalho análogo ao de escravo em Roraima. *Revista da Escola Nacional da Inspeção do Trabalho*.
- Gregoviski, V. R., de Moraes Ortigara, G., Soares, A. P., & Monteiro, J. K. (2021). “Luz para a rua e escuridão para dentro”: imigração, trabalho e saúde mental. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 6(12), 78-94.
- Holz, E. B., & Bianco, M. F. (2014). O conceito de trabalho na ergologia: da representação à atividade/The concept of work in Ergology: from representation to activity. *Trabalho & Educação*, 23(2), 157-173.

- Junior, H. D. S. B., Oliveira, C. T. G., & Alves, G. (2021) *O venezuelano e o trabalho informal nos semáforos de Boa Vista*.
- Mata, C. C., de Oliveira, F. G., & Barros, V. A. (2017). Experiência, atividade, corpo: reflexões na confluência da psicossociologia do trabalho e ergologia. *Psicologia em Revista*, 23(1), 361-373.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. C. P., & Galvão, C. M. (2019). Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 28.
- Miranda, L. D. J. (2022). *A migração venezuelana no Brasil e a utilização da rede social Facebook no processo de integralização dos imigrantes*.
- Nagasaki, J., Assis, A., & Figueiredo, E. (2020). A Aplicabilidade da Convenção n.º 105 da OIT: Uma análise dos venezuelanos encontrados em condições análogas à de escravo no Brasil. *Plural*, 27(1), 39-61.
- Neto, E. A., & Padilha, P. C. (2020). Contexto sociojurídico do trabalho dos imigrantes venezuelanos em Boa Vista/RR. *Anais do III Seminário Nacional de Sociologia: Distopias dos extremos: sociologias necessárias*.
- OLIVEIRA, A. T. R. D. (2019). A Migração venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, 13(1), 219-244.
- Oliveira, W., Oliveira, A., Cavalcanti, L., & Guedes, A. (2019). Inserção de imigrantes no mercado de trabalho: integração de dados e análise dos novos fluxos. In *Apresentação preparada para o 19º Congresso Brasileiro de Sociologia*. Santa Catarina, Brasil.
- Ribeiro, M. (2021). Imigração venezuelana: os Waraos e o direito à moradia, à educação, ao trabalho e à cidade de Manaus (2016-2019). *Manduarisawa-Revista Eletrônica Discente do Curso de História da UFAM*, 5(1), 28-40.
- Silva, L. N. B., Barreto, F., & Barreto, T. M. A. C. (2020). Saúde e migração em Roraima: rede social migratória e impactos psicossociais na vida do migrante venezuelano enquanto trabalhador informal. *Saúde em Redes*, 6(3).
- Silva, R. F., & Bento, J. S. (2021). Política migratória e direito ao trabalho: estudo de caso sobre a acolhida de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil. *Colombia Internacional*, (106), 165-198.
- Souza, A. C. D. (2021). *Ergologia, saúde e trabalho: uma revisão integrativa com ênfase nos centros de atenção psicossocial*.
- Standing, G. (2013). *El precariado. Una nueva clase social*. (1a ed.), Barcelona: *Ediciones de pasado y presente*.
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9, 19-45.

- Theves, C., & Uebel, R. R. G. (2021). Imigração, nacionalidade e xenofobia: o caso dos venezuelanos no Brasil—uma análise crítica. *Nacionalidade em perspectiva: estudos comparados à luz da experiência brasileira, europeia e possíveis reflexos nas políticas migratórias*, 66.
- Trinquet, P. (2010). Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR On-line*, 10(38e), 93-113.
- Züge, A. A. (2021). *O sentido do trabalho a partir da experiência de migrantes venezuelanos e seus reflexos na socialização e diversidade no mercado de trabalho*.

### **3 ARTIGO 2: TRAJETÓRIAS DE TRABALHO DE VENEZUELANOS NA CIDADE DE JOÃO PESSOA - PB**

#### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar as trajetórias de trabalho de venezuelanos que migraram para a cidade de João Pessoa, entendendo o trabalho a partir da perspectiva da ergologia, concebendo-o como não apenas uma realização técnica e mecanizada, mas sim ligado intimamente ao homem, no encontro entre o micro do trabalho e o macro da vida social do trabalhador. O Brasil é um dos destinos buscados por imigrantes venezuelanos que saem do seu país em decorrência da crise política, social e econômica. A partir desse movimento, tem sido cada vez mais frequente visualizar venezuelanos em diversas cidades do Brasil a procura de emprego, ou até mesmo de algum posto de trabalho informal. Essa dinâmica tem se dado pelo fato de que buscam através da migração o acesso à melhores condições de vida e de trabalho. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter exploratória, em uma instituição especializada, com imigrantes venezuelanos acolhidos por esta. Foi possível identificar que as motivações que direcionaram a vinda para o Brasil passavam pela via do trabalho, numa busca de uma melhor qualidade de vida. Verificou-se que o trabalho possui papel importante na possibilidade de legitimar o lugar do imigrante venezuelano em espaços públicos. Ficou visível dificuldades como: a necessidade de mudança na área profissional, a falta de oportunidades na área de formação e experiência, postos de trabalho precarizados, a dificuldade com o idioma e as questões que reforçam os papéis de gênero nas trajetórias de trabalho desses imigrantes.

**Palavras-chave:** Imigrantes venezuelanos; trabalho; precarização.

#### **Introdução**

Este artigo tem como objetivo analisar as trajetórias de trabalho de venezuelanos que migraram para a cidade de João Pessoa, entendendo o trabalho a partir da perspectiva da ergologia. Nesse sentido, compreende-se o trabalho não apenas como uma realização técnica e mecanizada, para além disso, está ligado intimamente ao homem, no encontro entre o micro do trabalho e o macro da vida social do trabalhador.

A crise política, social e econômica que afeta a Venezuela desde meados de 2015 vem se intensificando, colocando a imigração e saída de seu país de origem como alternativa de muitos venezuelanos para sobreviver diante da fome, falta de medicamentos e desemprego que assola o país. O Brasil é um desses destinos e o

grande fluxo migratória transforma esse problema em uma crise humanitária (Oliveira, 2019). A partir desse movimento, tem sido cada vez mais frequente visualizar venezuelanos em diversas cidades do Brasil a procura de emprego, ou até mesmo de algum posto de trabalho informal. Essa dinâmica tem se dado pelo fato de que buscam através da migração o acesso à melhores condições de vida e de trabalho (Andrade, Bitencourt, Santos & Vedovato, 2020).

Nesse sentido, um problema se coloca: Como tem se dado as inserções dos imigrantes venezuelanos no mercado de trabalho brasileiro? Como se deram esses processos migratórios? Quais os desafios que enfrentaram para a inserção nas atividades de trabalho? Estudos como os de Eberhardt e Miranda (2017) descrevem sobre a inserção dos imigrantes venezuelanos no mercado de trabalho nacional que, quando acontece, segue os moldes da tendência de precarização do trabalho atual, com jornadas intensas e desconfortáveis, salários baixos e exploração de mão de obra. Oliveira, Oliveira, Cavalcanti e Guedes (2019) descreve um certo fracasso na integração desse imigrante no mercado laboral, pontuando desafios pautados na falta de documentação, dificuldade na revalidação de diplomas e necessidade de atuar em postos abaixo de suas qualificações. Silva e Bento (2021), descrevem a situação de incertezas ao migrarem sem saber ao certo se vão entrar no país, a fome durante a viagem, além da insegurança e medo durante seus processos migratórios.

Falamos então em um encontro entre homens e culturas, nesse caso, migrantes de uma cultura diferente da brasileira, essa contextualização por si só já nos faz refletir sobre a necessidade de pensar a partir da complexidade que envolve esse processo, abandonando o caráter simplista de olhar as relações de trabalho. Para a ergologia o trabalho se dá no encontro entre os homens, como uma evidência viva que se compromete no trabalho, e a atividade de trabalho em si. Que serve não

apenas para compreender o seu processo histórico, mas sendo a própria base do fazer a história para eles (Schwartz, 2011).

Assim, podemos entender a atividade de trabalho como sendo sempre o lugar de encontro entre o micro do trabalho e o macro da vida social do trabalhador. Isso significa que sua vida econômica, política e social estará sempre presente através da reapreciação do trabalho sobre a parte visível: nos julgamentos sobre os procedimentos, os quadros, os objetos do trabalho etc. Ao partirmos de uma abordagem que não enxerga o trabalho como uma unidade microscópica, alcançamos a compreensão que o exercer de todo e qualquer trabalho tem como função provocar o indivíduo para se fazer o uso de si por si mesmo, renormalizando normas antecedentes na relação com o meio (Schwartz, 2011).

Nesse sentido, situamos o trabalho concebendo-o como não apenas uma realização técnica e mecanizada, mas sim ligado intimamente com o homem. Desse modo, não é possível a distinção entre atividade humana e atividade de trabalho, uma vez que não existe descontinuidade entre a ação humana e um trabalho economicamente caracterizado (Holz & Bianco, 2014).

É por meio do corpo do trabalhador que se dá o debate do micro do indivíduo com o macro do social. Neste trabalho, situamos o corpo do trabalhador migrante. Aquele que enfrentou situações de fome, desemprego, desabastecimento de itens essenciais diante da crise política e social em seu país de origem, necessitando recorrer a uma migração forçada, que ainda traria fome, medo e diversas inseguranças em seu processo de cruzar a fronteira, em busca de melhores condições de vida, para um lugar com língua, costumes e culturalmente diferente (Silva & Bento, 2021). Toda essa vivência que torna o imigrante atravessado por vulnerabilidades, ainda se atravessa e se intensifica por outras vulnerabilidades, como a questão do

gênero, que pesa ainda mais para as mulheres tanto na decisão de migrar do seu país, quanto no percurso sozinha ou com seus filhos, bem como na busca por trabalho após a migração (Andrade et al., 2020).

Nesse sentido, ao depararem e se confrontarem com o real, e a possibilidade de acessarem seus dispositivos históricos, sociais e singulares, é possível perpassar por sua atividade em um constante debate de normas e valores, que antecede cada ação e escolha (Schwartz, 2007).

Esse uso de si, portanto, se constitui em uma “dramática” que diz respeito as escolhas feitas no trabalho, onde, a partir delas, admite-se os riscos de falhar, desagradar, etc., escolhendo por si mesmo, e suas as responsabilidades pela escolha que se fez. Fazer essas escolhas é a representação do o uso de si no trabalho (Holz & Bianco, 2014). Toda e qualquer atividade humana envolve uma dramática, cujos debates dão origem a escolhas e renormalizações, onde cada indivíduo vai interpretar e aplicar as normas a partir de sua história individual, experiência, visão de mundo e contexto específico. É através do corpo do trabalhador que a história da atividade se registra (Mata, Oliveira & Barros, 2017).

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e de caráter exploratória, partindo do pressuposto de que somente através do método qualitativo é possível abordar com profundidade variáveis subjetivas (Minayo, 2012).

### *Lócus*

A pesquisa foi realizada em uma instituição especializada em receber imigrantes venezuelanos na Paraíba localizada na região metropolitana de João Pessoa-PB. A casa está ativa desde setembro de 2019, através do Serviço Pastoral do Migrante do Nordeste – SPMNE. Os imigrantes venezuelanos vêm, em sua

maioria, de Roraima, local por onde entram no país, e em seguida, através da política de interiorização, são encaminhados para demais estados, entre eles a Paraíba.

A instituição tem como objetivo acolher e ajudar na promoção de ações de integração e funciona como um abrigo temporário, onde os imigrantes ficam abrigados por um período de em média 3 meses. A casa ajuda na inserção dos indivíduos migrantes no mercado de trabalho, orienta e integra-os no contexto local, oferece cursos de português e outras atividades em parceria com instituições como a Universidade Federal da Paraíba.

### *Participantes*

Participaram do estudo 05 imigrantes venezuelanos urbanos, que viviam em áreas urbanas da Venezuela antes da migração. Todos possuíam idade maior que 18 anos, de ambos os gêneros. Além dos imigrantes, também participou do estudo a profissional responsável técnica da referida instituição. Foi utilizado o critério de saturação para definir o momento no estudo em que a coleta de novos elementos não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado, tendo já sido suficiente para responder os objetivos em questão (Minayo, 2017).

### *Instrumentos*

Foram utilizados como instrumentos de pesquisa uma entrevista aberta, com o objetivo de compartilhar e discutir sobre suas trajetórias de imigração e trabalho. A entrevista aberta é caracterizada pelo fato de que o participante entrevistado é convidado a falar de maneira livre sobre um determinado tema, e as perguntas do pesquisador, quando feitas, possuem o objetivo de dar mais profundidade às reflexões trazidas pelo entrevistado, construindo assim informações e temas importantes para um objeto de pesquisa (Minayo, 2004).

### *Procedimentos*

O estudo foi realizado levando em consideração os aspectos éticos importantes a pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução nº 466/12 (CNS, 2012), CAAE. A pesquisa só foi iniciada após a aprovação do projeto pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Antes de responderem a pesquisa, todos os participantes concordaram com o termo de consentimento livre e esclarecido.

#### *Análise dos dados*

A análise de dados se deu à luz da ergologia. Foi utilizado do software MaxQda como auxiliar na organização dos elementos. O referido software permite organizar, avaliar e interpretar os dados coletados, facilitando a criação de relatórios de pesquisa. Além disso, o processo de codificação e categorização foi feito pelos próprios pesquisadores, elaborando uma grade de temáticas nos dados que possibilitou a correlação entre teoria e o que apareceu nas falas dos participantes.

### **Resultados e discussão**

#### *Contextualização do perfil sociodemográfico dos imigrantes venezuelanos entrevistados*

Este tema tem como objetivo descrever o perfil sociodemográfico dos imigrantes venezuelanos entrevistados nesta pesquisa. Aqui serão descritos o nome fictício, estado civil, se possui filhos, com quem veio para o Brasil e informações gerais sobre sua vinda, bem como suas ocupações de trabalho antes e depois da migração.

O primeiro participante descrito é um homem, com 28 anos, que vive no Brasil desde o ano de 2019. É casado e veio sozinho inicialmente, trazendo depois sua esposa. Não possui filhos e mora com outros parentes (primos e esposa) que chegaram antes e o incentivaram a migrar. Na Venezuela exercia a profissão de médico e hoje é carpinteiro, trabalhando na construção de móveis e peças de decoração de maneira autônoma no Brasil. O chamaremos de Ramón.

O segundo entrevistado foi Miguel, também homem, de 34 anos, que vive no Brasil há 3 meses. É casado, possui 3 filhos, incluindo uma criança com deficiência intelectual, migraram todos juntos para o Brasil. Antes da migração trabalhava na produção de peças de alumínio em uma empresa da família, hoje encontra-se sem ocupação e busca por trabalho na cidade de João Pessoa.

Participa desse estudo a entrevistada que chamaremos de Ana. Uma mulher de 28 anos que está no Brasil desde o início de 2019. Divorciada, migrou com o então marido e seus 2 filhos. Na Venezuela trabalhava em um hospital maternidade da capital Caracas como ajudante de enfermeira nos partos, e atualmente trabalha como garçoneiro em um restaurante da orla da região metropolitana de João Pessoa.

A quarta participante também é mulher, possui 32 anos, está no Brasil há 11 meses. É casada e fez a migração com seu marido e dois filhos. Em seu país de origem trabalhava como camareira em um hotel e no Brasil trabalha informalmente com serviços gerais, trabalhando por diárias, limpando apartamentos, casas e empresas. Nesse estudo vamos nomeá-la de Rosa.

Por fim, apresentaremos Juana, uma mulher de 27 anos, que mora no Brasil desde novembro de 2019. Migrou para o Brasil com sua irmã e seus filhos, com o objetivo de encontrar sua mãe que já vivia no Brasil e a incentivava a sair da Venezuela. Trabalhava como caixa de supermercado e no Brasil nunca trabalhou.

O perfil sociodemográfico dos participantes desse estudo corrobora com o apresentado por Albuquerque (2019), em pesquisa realizada com imigrantes venezuelanos na cidade de João Pessoa, traçando o perfil desses indivíduos como sendo em sua maioria de homens e mulheres adultos jovens, entre 18 e 35 anos.

Com o objetivo de trazer uma visão ampliada a respeito das trajetórias de trabalho, condições de vida na cidade, seus processos migratórios e desafios

perpassados pelos imigrantes venezuelanos na cidade, também participou do estudo uma das trabalhadoras de uma instituição especializada na recepção de imigrantes venezuelanos, narrando sobre suas percepções a partir do acompanhamento de perto que realiza com os indivíduos que a instituição recebe. Neste trabalho seu nome fictício será Dolores.

### *Processos migratórios e condições de vida no Brasil*

Neste tópico abordaremos categorias encontradas a partir de seus processos migratórios, como (1) as motivações que direcionaram a vinda para o Brasil; (2) as vivências durante a migração. Foram identificados também outros elementos como por exemplo a questão de gênero que atravessam essas vivências, aspectos de como vivem os imigrantes venezuelanos acolhidos em João Pessoa, passando por questões como o acesso à saúde, educação e ao trabalho, bem como questões referentes à qualidade de vida e lazer.

Os entrevistados revelam dificuldades nessa trajetória, desde o momento da decisão de atravessar a fronteira. Relatam a utilização de transportes diversos e até mesmo não formalizados, a exemplo de caronas com desconhecidos, como relatam Ramón e Miguel:

Ramón: Fui até a fronteira pegando caronas, onde passei bastante tempo com fome, com muitas outras pessoas, até conseguir o permissão para entrar na cidade de Pacaraima. Vim sozinho, inicialmente, e o período mais difícil foi o tempo que passei na fronteira. [...] Cheguei por Pacaraima, em seguida fui pra Boa Vista, e de lá uma ONG me trouxe para Jacumã, na Paraíba.

Miguel: Saí da Venezuela com minha esposa e 3 filhos em direção à fronteira com a cidade de Pacaraima, pegando caronas em caminhões. Esse trajeto foi muito difícil pois tenho uma filha com deficiência. [...] Chegamos em Pacaraima

onde passamos cerca de 1 mês. A cidade não tinha estruturas, vivíamos de ajuda, pedíamos e dormíamos na rua.

Além das incertezas se iam entrar no país, passaram por situações de fome, situação que não muda no ato da migração, passando também pelo processo da mendicância. Ambos os participantes relatam parte de sua experiência na política realizada por parte do Estado brasileiro intitulada “Operação acolhida”, que objetiva através das forças-armadas amparar e recepcionar os imigrantes venezuelanos. Essa experiência também é identificada na vida de outros imigrantes, a exemplo do estudo de Silva e Bento (2021), que caracterizam os papéis dessa política como organizar a fronteira, abrigando-os e interiorizando-os para outros estados do país, com o intuito de ofertar melhores condições de inseri-los no mercado trabalho (Silva & Bento, 2021).

Todas essas vivências em vulnerabilidade são atravessadas por outras vulnerabilidades, como por exemplo a questão do gênero, que aparece no relato de Juana: *“A viagem foi muito difícil. Éramos duas mulheres com seus filhos pegando caronas. As noites eram a pior parte, por ser muito frio. Lembro dos meus filhos doentes sem respirar direito e eu aquecendo-os”*. Relato que revela a necessidade de cuidar de si e dos outros, por se tratarem de crianças. Como apontam Andrade et al (2020) a questão do gênero pesa desde a decisão de migrar do seu país de origem. São frequentes os relatos de vivências de assédios e outras formas de violência, especialmente durante o percurso realizado para migrar.

Ao tratarmos sobre os fatores de migração e fatores de vinda ao Brasil, percebe-se que eles aparecem sempre juntos, muitas das vezes de maneiras antagônicas. Como por exemplo o que é descrito por Miguel, que traz o desemprego como principal fator motivador para a saída da Venezuela, e a oportunidade de emprego como fator atrativo para migrar para o Brasil. Segundo ele: *“foi depois de*

*tanto tempo sem trabalhar, passando necessidades [...] só pensei em sair quando não tinha mais jeito de viver lá. Vim porque outras pessoas tinham vindo e falavam bem do Brasil, que aqui tinha oportunidade de trabalho”.*

Semelhantemente, Rosa aponta que *“chegou a pandemia e me tiraram do emprego. Só meu marido continuou trabalhando. Não consegui mais emprego e tudo foi piorando. Saímos porque não consegui mais trabalho e o dinheiro que meu marido ganhava já não dava mais pra nada”*. A partir desses relatos, é possível identificar a questão da centralidade do trabalho, como afirma Antunes (2006), ao tratar da impossibilidade de alcançar a compreensão total dos fenômenos migratórios quando se despreza a questão do trabalho como sendo um fator que ocupa um lugar de centralidade nas sociedades humanas, sendo uma questão que mobiliza fortemente nossas representações de mundo e de si mesmo, estando, dessa forma, muito além do que é ofertado teoricamente.

Nessa direção, Dolores também corrobora essas falas a respeito da centralidade do trabalho nas sociedades humanas. Ela aponta o trabalho como fator central em seus processos migratórios: *“sem dúvidas, um trabalho é o que eles mais pedem quando chegam. Há uma necessidade urgente e busca imensa por um posto de trabalho”*.

Também descrito como fator para migrar para o Brasil seria a qualidade de vida que o país poderia oferecer, e em contrapartida a motivação para a saída do país de origem era os salários baixos, para os poucos que ainda possuíam emprego. Ramón descreve que: *“saí da Venezuela deixando minha família em busca de uma vida melhor. Tomei essa decisão quando já estava praticamente impossível de sobreviver com o salário que eu ganhava”*. Pela resposta do participante percebe-se que a

possibilidade de uma melhor qualidade de vida está diretamente relacionada com a questão do trabalho, vivenciada a partir da possibilidade de um salário digno.

Trabalhos com salários baixos, desprovidos de direitos, instável e com jornadas exaustivas é exatamente o que encontramos no que Antunes (2011) chama de uma nova fase de desconstrução do trabalho, que leva à inserção de uma nova era de precarização estrutural do trabalho em níveis globais. Desde 2008, presenciamos a ampliação da precarização do trabalho em escala global. As empresas globais com respaldo dos governos, alegam que precisam aumentar sua produtividade e competitividade, o que só pode ser feito através da corrosão das condições de trabalho. Assim, os capitais globais e seus governos exigem ainda mais reduções de salários, aumenta a destruição dos direitos sociais e promove uma nova era de degradação estrutural do trabalho (Antunes, 2013).

A associação entre trabalho e qualidade de vida também é possível ser visualizada na fala de Ana, que diz que *“foi pela crise política. Meu marido queria ir pra Colômbia, mas eu não. Achava o Brasil melhor, mais bonito, e porque minha mãe já estava aqui, ela veio primeiro e dizia que tinha trabalho e melhor qualidade de vida”*. No caso de Ana, pesou também já ter alguém conhecido no país, como uma forma de apoio, mas persiste a ideia do acesso a uma vida considerada mais digna.

A possibilidade de um trabalho e o acesso à saúde e à educação apareceram como indicadores da qualidade de vida almejada. Rosa afirma que *“o que mais levei em consideração foi a doença da minha mãe. [...] fiquei sabendo que aqui no Brasil o acesso a saúde é muito bom. A ideia é que aqui a gente melhore de vida”*. Nesse mesmo direcionamento, Juana narra que *“migrar foi a decisão mais difícil da minha vida. Queria uma melhor educação e qualidade de vida pros meus filhos. Amo os ver na escola. Aqui tem educação”*.

Pensar esses relatos sobre qualidade de vida, saúde e acesso à educação, remete também pensar o que nos permite acessar tais direitos. Isso passa pelo trabalho e acesso a cidadania. É comum que, com o objetivo de se inserirem socialmente em um novo país, essa via se dê a partir do trabalho, que venha a prover sua sobrevivência. Dessa maneira, o trabalho também tem sua importância na possibilidade de ofertar condições de acesso à direitos sociais, até mesmo o ser visto como cidadão. Além de proporcionar a possibilidade de sobreviver, sustentar suas famílias e suprir suas necessidades econômicas, o trabalho tem como papel a importante possibilidade de legitimar o lugar do indivíduo em espaços públicos e resguardar seus direitos (Silva & Bento, 2021).

Essas falas nos remetem ao que nos recorda Durrive e Schwartz (2008) ao assumir o trabalho como um impulso de vida, de saúde, trazida a partir de uma vivência em um contexto histórico que já não os permitia acessar tais condições. Sendo assim, é possível visualizar e compreender o trabalho como um fator importante para a permanência ou não em determinado local, funcionando como base para acesso para outros fatores como educação e saúde, que vão contribuir diretamente para a construção da ideia de uma melhor qualidade de vida.

Assim vemos na fala de Juana, ao afirmar que *“aqui temos mais educação e qualidade de vida. Como não conseguimos nada em Boa Vista, fomos informados que tinha vaga aqui na Paraíba e viemos em busca de trabalho”*. Em concordância, porém por caminhos geograficamente distintos, enquanto Ana coloca suas esperanças em um trabalho na Paraíba, Rosa expõe que *“como não conseguimos trabalho por aqui, vamos pra São Paulo tentar a vida por lá. Vou pra São Paulo, mas vou com o coração partido, porque não encontramos nada aqui”*.

Nessa lógica, Dolores aponta que o trabalho é o fator diferencial que os faz decidir pela permanência ou não no lugar de destino. Segundo ela:

A única coisa que não os faz ficar é não ter trabalho. Muitos gostam daqui pela tranquilidade, e outros preferem uma cidade mais urbana e se chocam porque aqui é uma cidade pequena. Mas ainda assim, todos ficam ou ficariam se tem trabalho. Aqueles que não conseguem mudam, vão pra outros lugares, normalmente onde conhecem outras pessoas. Sempre em busca de trabalho.

Portanto, é possível identificar a centralidade do trabalho na vida dos participantes, à medida que o trabalho existe como fator primordial para a permanência ou não do migrante em seu local de destino, sendo fundamental para acessar espaços sociais, corroborando com a ideia de que é impossível que seja alcançada a compreensão total dos fenômenos migratórios ao se deixar de lado a questão do trabalho como fenômeno que ocupa um lugar de centralidade na sociedade (Antunes, 2008).

#### *Trajetórias, desafios na busca por trabalho e investimento de seus saberes em um novo país*

São diversas as dificuldades enfrentadas pelo imigrante venezuelano na busca de trabalho em solo brasileiro. Nesse estudo, foi possível identificar diversas categorias diante de tal tema, como por exemplo a necessidade de mudança na área profissional, a falta de oportunidades na área de formação e experiência, os postos de trabalho precarizados, a dificuldade com o idioma e as questões do gênero.

Muitos dos venezuelanos possuem formação e atuavam em áreas distintas dos cargos que ocupam no Brasil, como podemos ver na fala de Ramón: *“gostaria de trabalhar como médico aqui, seria uma grande realização, mas não tem como validar o diploma pela falta de documentação”*. Semelhantemente, Ana pontua que *“queria*

*muito trabalhar na área da saúde aqui, em um hospital. Mas é tudo diferente, e eu não tenho o diploma que eles querem”.*

A falta de documentação, como a carteira de trabalho (CTPS), é uma das questões que mais dificulta o acesso dos imigrantes venezuelanos ao trabalho (Silva & Bento, 2021). O fracasso na integração do imigrante com o mercado de trabalho do Brasil de acordo com a sua qualificação, se deve principalmente pelo fato de que a maioria dessas pessoas não conseguem validar seus diplomas estrangeiros (Oliveira, Oliveira, Cavalcanti & Guedes, 2019).

Dessa forma, restam apenas alternativas fora do campo de formação e experiência profissional do indivíduo, como é o caso de Miguel quando diz que *“Ainda não tenho trabalho aqui, mas quero muito. Se fosse operando máquinas ou como soldador, que era como eu trabalhava na Venezuela, seria ser melhor ainda. Mas o que aparecer, eu quero”*. Se a relação trabalho-sociedade se dá no âmbito das gestões “do” e “no” trabalho, tais relatos nos fazem refletir que tipo de relações tem se dado a partir do processo migratório.

Em um mundo que se transforma continuamente através da atividade, produzir requer conhecimentos que partem dos saberes investidos através da situação vivida no aqui e agora da atividade, como conhecimentos que dizem respeito à saberes organizacionais, acadêmicos e disciplinares, que aparecem em forma de codificação (Durrive & Schwartz, 2008). O que justifica, a partir do saber ergológico, o desejo de investir seus saberes em atividades já praticadas anteriormente, o que acaba por não ser possível, diante das dificuldades e obstáculos aqui relatados.

Aqueles que conseguiram encontrar algum posto de trabalho, sofrem com outro mal: a precarização. Antunes e Druck (2015) tratam a precarização do trabalho como o centro da dinâmica do capitalismo flexível, e apresentam essa precarização como

deixando de ser uma exceção e habitando cada vez mais a condição de regra. Ramón e Ana discorreram semelhantemente sobre suas trajetórias após a migração da seguinte maneira:

Ramón: Já trabalhei de carteira assinada em dois lugares: um supermercado e um restaurante, mas saí por conta de o salário ser baixo e por conta da exploração; era uma carga horária muito grande e não me pagavam hora extra, não me davam cartão alimentação e nem pagavam feriado. Preferi trabalhar como autônomo com meu primo, em uma oficina em casa por conta disso e estou satisfeito.

Ana: Depois que eu cheguei aqui eu comecei a trabalhar numa conveniência na praia. Não era muito bom. Trabalhava muitas horas por dia e era bem difícil. Eu saí de lá depois que teve um roubo, fiquei com muito medo e pedi pra sair.

É justamente nesses moldes ao que se atribui o chamado “modos de ser da informalidade”: aumento exacerbado de trabalhos com contratos temporários, nenhuma ou pouca estabilidade, não registro em carteira de trabalho, em atividades instáveis ou temporárias, etc. Um traço pouco visível da chamada globalização seria justamente as modalidades de trabalho imigrante que se encaixa em condições degradantes, com jornadas longas de horas de trabalho, ao exemplo da indústria de confecção (Antunes, 2011).

Ao tratarmos da precarização do trabalho e da realização do trabalho sujo no que diz respeito a sua relação com a imigração, Eberhardt e Miranda (2017) descrevem que os imigrantes são atingidos diretamente por essa tendência; eles possuem, no geral, horários mais desconfortáveis, como jornadas noturnas e em fins de semana, bem como salários mais baixos, maior exploração de sua mão de obra e discriminação. Dessa maneira, “o exemplo dos imigrantes é emblemático do quadro

tendencial de precarização estrutural do trabalho em escala global” (Antunes, 2013, p. 23).

Rosa pontua a precarização como a maior dificuldade no acesso ao trabalho, sendo fator motivador para uma nova mudança para outro estado do país. Para ela “a maior dificuldade é achar um emprego com garantias, carteira firmada. Tudo que aparece é sem garantias, por diária, por isso decidimos procurar algo mais certo, e falaram que tem em São Paulo”. Para Antunes (2011) esses são os trabalhadores informais tradicionais, que realizam atividades na informalidade enquanto se encontram desempregados, porém buscam alternativas de retorno ao trabalho assalariado.

Ainda tratando sobre as atividades informais tradicionais, podemos adicionar também as pequenas oficinas de reparação e concertos, criadas e mantidas pela clientela da comunidade ou pelas relações pessoais do indivíduo, onde não existe horário fixo e as jornadas exacerbadas podem levar ao uso do tempo livre com o objetivo de aumentar a renda obtida através da atividade, e frequentemente nesse serviço por conta própria, além de sua própria mão de obra, pode haver uso da força de outras pessoas da família, com ou sem remuneração (Antunes, 2011), como é o caso de Ramón, médico, mas por dificuldades burocráticas no Brasil atua como marceneiro autônomo juntamente com seu primo, também imigrante venezuelano.

Dolores também aponta algumas das principais dificuldades observadas por ela nas vivências das trajetórias de trabalho desses imigrantes, sendo possível perceber em sua colocação questões relacionadas a precarização:

Desde a pandemia percebemos que as vagas estão cada vez mais difíceis. As vagas que mais surgem são na construção civil, como ajudantes de pedreiro, na praia, trabalhando em restaurantes e bares como garçons e garçonetes, e

no setor de turismo, em hotéis e pousadas como camareiras e nos serviços gerais. Todos esses são serviços que dificilmente são formais. Normalmente trabalham informalmente e ganham por diária. Eles possuem uma grande resistência ao trabalho informal. Sempre encontramos na fala deles a necessidade de carteira firmada. Eles são muito valor para o trabalho formal com todos os direitos, mas essa não é uma realidade fácil.

A partir destes conflitos narrados pelos participantes, é possível verificarmos o quanto a relação entre o prescrito e o real se inscreve na amplitude da vida cotidiana, assim como na atividade de trabalho. O homem está em diálogo permanente com seu meio, provocando-o a tomar decisões, se posicionar, distanciando-se da neutralidade e indiferença. Nesses casos, a pressão do meio torna-se mais forte, o que os exige a fazer uso de si mesmos nas condições que surgem (Durrive, 2011). Para eles, se dá principalmente nesse conflito entre o trabalho formalizado e o informal.

As decisões possíveis para esses trabalhadores passam pelos usos de si, saberes em outros momentos construídos que não puderam ser postos em prática aqui, uma vez que não foram validados formalmente. Então recaem nas dramáticas de adquirirem outros saberes, de outras áreas, para finalmente conseguirem trabalhar. Identificam de maneira consciente os processos de exploração e usos de si pelos outros, experimentam mais uma vez a precarização e em alguns casos a informalidade.

Além do explicitado, a barreira linguística também aparece como fator dificultador no investimento de seus saberes. Nesse sentido, Juana discorre sobre essa dificuldade em sua trajetória, o que terminou por gerar sofrimentos que contribuíram para seu afastamento e desistência do trabalho: *“aqui já trabalhei em diárias em restaurante, mas foi muito difícil porque na época eu não conseguia*

*entender o idioma. Passei muita dificuldade e preferi sair. Depois que fiz um curso de português em Boa Vista, ficou mais fácil*.

Por não dominarem a língua portuguesa, torna-se mais fácil de que os imigrantes sejam postos em risco de terem seus direitos trabalhistas violados, justamente pela dificuldade de compreender e argumentar, assim, correm mais riscos de terem força de trabalho exploradas, perderem possibilidades de contratação em postos de trabalho que precisem de maior habilidade de comunicação e fazer provas de conhecimentos (Silva & Bento, 2021).

Também surgiu como obstáculo na fala das mulheres uma dificuldade que cabe uma discussão diante dos papéis de gênero e seus impactos no mundo do trabalho. Ana, ao discorrer sobre uma possibilidade de atuação em sua área de formação, evidencia também uma preocupação: *“vou começar a fazer o técnico de enfermagem, fiz minha matrícula ontem e quero muito que dê certo. Minha maior dificuldade é com quem vou deixar meus filhos”*.

Nessa mesma direção, Juana expõe um pensamento a respeito de seu papel enquanto mulher, que impacta diretamente nas possibilidades de atuação no mercado de trabalho:

Eu trabalhei uma vez como caixa de supermercado, mas não pude dar continuidade no trabalho por conta dos meus filhos. Então, meu papel é cuidar da casa e dos filhos. Eu gostava muito de trabalhar, me sentia bem e útil em ajudar minha casa, mas infelizmente não dava.

Diante de tais relatos, nota-se que os papéis de gênero que reforçam o estigma da mulher cuidadora ainda estão presentes na cultura latina. Percebe-se então que, para ingressar no mercado de trabalho a mulher imigrante precisa se submeter a

trabalhos direcionados ao cuidado, como babás, ou de limpeza, como empregadas domésticas (Andrade, Bitencourt, Santos & Vedovato, 2020).

Essa marca da divisão sexual da precariedade é visível diante do fato de que numericamente existem mais mulheres do que homens no trabalho informal e no trabalho em tempo parcial, além do fato que elas possuem número inferior de horas trabalhadas e níveis mais baixos na escala de qualificação (Hirata, 2009). Para Schwartz (2011), ainda que seja verdadeira a afirmação de que as populações humanas se desenvolveram dividindo papéis e tarefas entre elas, também é verdade que todas as relações de dominação tentaram colonizar e manter tais papéis e divisões, portanto, toda divisão do trabalho é sempre um resultado mais ou menos instável, provisório e conflituoso.

Da mesma forma que o trabalho se abriu para a força da mulher, ele precarizou ainda mais o trabalho feminino, em comparação ao masculino. Quem predomina nas áreas de trabalho intensivo com menos remuneração e em espaço mais precarizado é o trabalho feminino (Antunes, 1999). Ao discorrer sobre o quanto se sentia bem e útil ao trabalhar em poder ajudar em casa, Juana possibilita a discussão sobre o trabalho antes e depois do processo migratório.

#### *O trabalho antes e depois da migração*

Este tópico será dividido em duas categorias: um primeiro momento que se dedica a discutir as questões do trabalho dos imigrantes antes da migração, e um segundo momento que discute esses mesmos aspectos na realização ou não de um trabalho após migrarem para o Brasil. Antes da migração, Ramón em seu trabalho como médico, e Ana em seu trabalho como ajudante de um hospital, discorrem sobre aspectos que evidenciam o sentido pessoal de realização, bem como o significado do seu trabalho na valorização por parte da comunidade:

Ramón: Trabalhava como médico, atendendo diariamente toda a comunidade. O salário não era tão grande, mas eu me sentia realizado. Era o que eu amava fazer. As pessoas valorizavam muito minha profissão e era visto de maneira muito positiva para a comunidade.

Ana: Trabalhava em um hospital ajudando as mulheres no parto. Ajudava as grávidas em todo o processo, acompanhava até na hora de ter o bebê. Eu amava fazer o que eu fazia. Cuidar delas era a melhor coisa do meu trabalho. As pessoas também gostavam de ter a gente para auxiliar e tinham muita gratidão. O trabalho no hospital era uma das coisas mais importantes que eu tinha lá.

Para Miguel, sua fala a respeito de seu trabalho antes da necessidade de migração em uma empresa de alumínio, toca em aspectos que demonstram um sentido pessoal voltado para o desempenho e um bom uso de si, bem como o significado no campo da valorização e utilidade familiar:

Trabalhava com peças de alumínio. Era uma empresa familiar. Operava máquinas de fornos industriais, e amava o que eu fazia, pois era o que eu sabia fazer muito bem. Era muito bom, me sentia válido para mim e para minha família.

Visualizamos aqui aquilo que chamamos corpo-si: o indivíduo que trabalha e ocupa a posição de governar a atividade. Não existe trabalho caso não exista alguém que trabalhe. Portanto, se a atividade de trabalho é conduzida por um indivíduo que é real, de carne e osso, essa mesma atividade possuirá também prolongamentos que irão cruzar e atravessar a barreira da pessoa física (Durrive & Schwartz, 2008).

Dentre as escolhas que precisaram fazer, foram levados a assumir os riscos (Schwartz, Duc & Durrive, 2010): risco de falhar, de criar dificuldades novas, de

desagradar, ou mais especificamente, de não conseguir realizar a profissão escolhida no país de origem. Ao visualizarmos as trajetórias de trabalho dos entrevistados, percebemos que há um rompimento dada a necessidade de uma migração forçada. Nesse sentido, é possível identificar narrativas que apontam muito mais para a sobrevivência, acesso a espaços sociais, bem como acolhimento e estabelecimento de vínculos.

Segundo Ramón, o trabalho como autônomo oferece suporte para si e sua família: *“não vejo diferença em como as pessoas enxergam meu trabalho aqui, elas me veem como trabalhador. Sou autônomo e vivo dele. Me vejo satisfeito pois aqui conseguimos viver bem comparado a como vivíamos. Temos comida na geladeira por conta dele”*. Semelhantemente, Miguel vê no trabalho uma maneira de dar sustento para sua família: *“quero muito conseguir trabalhar para poder dar suporte em todos os aspectos para mim e minha família. Poder comer e dormir bem, em um teto e com tranquilidade”*.

Nessas dramáticas, ou micro histórias, percebemos que esses trabalhadores se viram na obrigação de se escolher (a si e a suas famílias), e ainda de orientar sua atividade de um outro modo, dentro das possibilidades que lhes foram postas socialmente. Ao arbitrarem suas escolhas, utilizam-se de recursos dos usos de si e seus saberes, recombinao valores e critérios na busca por uma adequação à sua realidade (Schwartz, Duc & Durrive, 2010).

Para Ana, o trabalho possui significado direcionado ao acesso à uma função social como cidadã, obtendo o respeito das pessoas, bem como no estabelecimento de vínculos, acolhimento e pertencimento a esse novo local geográfico. Ela narra sobre seu trabalho atual: *“eu amo trabalhar lá. Agora sinto que as pessoas me respeitam. Eles são minha família”*. Rosa apresenta um significado atrelado à

possibilidade de oferecer ajuda humanitária para outras pessoas de seu país. Segundo ela *“o que eu mais quero conseguir com meu trabalho é trazer outras pessoas pra cá. Minha família e outras pessoas como eu. Ajudar o povo venezuelano aqui no Brasil”*.

O uso de si por si dessas trabalhadoras revela também seus posicionamentos, um fim de colaboração e ajuda aos que ainda não migraram. São atividades atravessadas pelo afeto, indo além das questões técnicas de cada atividade. Embora não estejam inseridas nas mesmas profissões que realizavam anteriormente, fazem escolhas, levam em conta seus gostos, histórias e sensibilidade, recombinao valores e critérios na busca por uma adequação à nova realidade (Schwartz, 2004).

### **Considerações Finais**

A partir da análise das trajetórias de trabalho de venezuelanos que migraram para a cidade de João Pessoa, foi possível perceber que a imigração venezuelana em direção ao Brasil se apresenta de uma maneira distinta das demais, visto seu fluxo intenso e a rapidez com que foi possível nos depararmos com cada vez mais venezuelanos vivendo em diversas cidades do Brasil. É praticamente unânime as motivações que conduzem esse povo até o Brasil: o trabalho ocupando um fator central na vinda e permanência dessas pessoas no local de destino.

Pensar a atividade de trabalho do migrante venezuelano, é pensar para além da atividade mecanizada, mas compreender os usos que fazem de si, e as dramáticas envolvidas. Dessa forma, a partir da fala dos participantes a respeito de seus processos migratórios, foi possível comprovar que as motivações que direcionaram a vinda para o Brasil passavam quase que unicamente pela via do trabalho, diretamente, ou pela via da busca de uma melhor qualidade de vida, que tinha o trabalho como via de acesso. Logo, o trabalho possui papel importante na

possibilidade de legitimar o lugar do imigrante venezuelano em espaços públicos e resguardar seus direitos como o acesso à saúde, educação e ao trabalho, bem como questões referentes à qualidade de vida e lazer.

O fator primordial para a saída desses indivíduos de seu país de origem foi justamente as dificuldades com salário e impossibilidade de sobreviver dele, porém, ao chegar no Brasil, eles terminam por encarar diversos problemas na busca de trabalho como por exemplo a necessidade de mudança na área profissional, a falta de oportunidades na área de formação e experiência, os postos de trabalho precarizados, a dificuldade com o idioma e as questões que reforçam os papéis de gênero delimitado. Suas visões a respeito da execução de uma atividade laboral partiram de um senso de pertencimento e realização, antes da migração, para um senso de necessidade de sobrevivência a partir do trabalho, fugindo de temas como valor e satisfação pessoal.

Fica nítido a importância do trabalho como fator primordial para estabelecimento em uma sociedade diferente, com língua, costumes e cultura distinta, sendo a partir dele a possibilidade de acessar o status de cidadão diante do histórico de imigração quase que forçada. É necessário por parte das autoridades políticas que visualizem o trabalho como um fator tão importante quanto este estudo demonstra, que possibilite a inserção desses imigrantes no mercado de trabalho nacional, e, a partir dele, a concretização de uma melhor qualidade de vida e estabelecimento sólido em nosso país.

## **Referências**

Albuquerque, L. F. D. (2019). Migrantes e o processo de integração: um estudo de caso sobre migrantes venezuelanos em João Pessoa. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, PB, Brasil.

- Andrade, C. B., Bitencourt, S. M., Santos, D. L., & Vedovato, T. G. (2020). *Venezuelanas no Brasil: trabalho e gênero no contexto da Covid-19. UNICAMP/Núcleo de Estudos de População Elza Berquó.*
- Antunes, R. (2008). *Adeus ao Trabalho? ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho.* (15a ed.) Rio de Janeiro: Cortez.
- Antunes, R. (2011). Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho. *Serviço Social & Sociedade*, (107), 405-419.
- Antunes, R. (2013). A corrosão do trabalho e a precarização estrutural. In V. L. Navarro & E. A. S. Lourenço (Orgs.), *Avesso do trabalho III: Saúde do trabalhador e questões contemporâneas* (1a ed., pp.19-26) São Paulo: Expressão Popular.
- Antunes, R. L. C.(1999). Mercado informal, empregabilidade e cooperativismo: as transformações das relações de trabalho no mundo contemporâneo. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 2, n. 1, p. 55-72.
- Antunes, R. (2006). As formas contemporâneas de trabalho e a desconstrução dos direitos sociais. *Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo.* São Paulo: Cortez, p. 41-51.
- Antunes, R. & Druck, G. (2015). A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra. *O Social em Questão*, v. 18, n. 34, p. 19-40.
- Durrive, L. (2011). A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. *Trabalho, educação e saúde*, v. 9, p. 47-67.
- Barros, C. R. (2017). Trabalho e território de haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte: precariedade e resistência. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil.
- Durrive, L. & Schwartz, Y. (2008). *Glossário da ergologia.* Laboreal, v. 4, n. Nº1.
- Hirata, H. (2009). A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. *Sociologias*, p. 24-41.
- Holz, E. B., & Bianco, M. F. (2014). O conceito de trabalho na ergologia: da representação à atividade/The concept of work in Ergology: from representation to activity. *Trabalho & Educação*, 23(2), 157-173.
- Minayo, M. C. S. (2004). *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde.* (14ª ed.) São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 17(3), 621-626.
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12.

- Oliveira, A. T. R. D. (2019). A Migração venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, 13(1), 219-244.
- Oliveira, W., Oliveira, A., Cavalcanti, L., & Guedes, A. (2019). Inserção de imigrantes no mercado de trabalho: integração de dados e análise dos novos fluxos. In *Apresentação preparada para o 19º Congresso Brasileiro de Sociologia*. Santa Catarina, Brasil.
- Silva, R. F., & Bento, J. S. (2021). Política migratória e direito ao trabalho: estudo de caso sobre a acolhida de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil. *Colombia Internacional*, (106), 165-198.
- Schwartz, Y. (2007). Un bref aperçu de l'histoire culturelle du concept d'activité. *Activités*, 4(4-2).
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 9, p. 19-45.
- Tolfo, S. D. R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & sociedade*, 19, 38-46.

#### **4 ARTIGO 3: TRAJETÓRIAS DE TRABALHO E DESAFIOS NA VIVÊNCIA DE IMIGRANTES VENEZUELANOS INDÍGENAS DE ETNIA WARAO NA CIDADE DE JOÃO PESSOA - PB**

##### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo compreender as trajetórias de trabalho e desafios de imigrantes venezuelanos indígenas de etnia Warao na cidade de João Pessoa – PB. Entende-se o trabalho a partir da perspectiva da ergologia, como uma atividade central e facilitador na busca por uma melhor qualidade de vida. Os indígenas venezuelanos da etnia Warao fazem parte do povo venezuelano que foram forçados a migrarem e atravessam a fronteira com o Brasil, objetivando alcançar melhores condições de sobrevivência. O povo Warao caracteriza-se por suas atividades na coleta e na pesca, seus deslocamentos em grupo e pedir nas ruas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter exploratória, no Centro Social Arquidiocesano Bom José, com imigrantes venezuelanos indígenas da etnia Warao. Ficou evidente que dentro da vulnerabilidade vivenciada pelos venezuelanos no Brasil, podemos destacar outra vulnerabilidade mais extrema, a dos indígenas Warao. Suas atividades ligadas ao trabalho ancestral como coletores na agricultura e na pesca os fazem encontrar na atividade de pedir e mendicância uma maneira de compensar suas práticas ancestrais. Por serem práticas tão distintas das nossas os colocam numa posição mais passível de sofrer com preconceito e xenofobia. Os demais desafios passam pelos campos da dificuldade com a língua, falta de escolaridade, falta de documentação, etc., restando apenas postos de trabalho precários, seguindo a tendência da precarização estrutural, mas em uma faceta ainda mais dura de exploração e discriminação.

**Palavras-chave:** Imigrantes venezuelanos; Warao; trabalho.

##### **Introdução**

Diante do cenário de crise política e social vivida na Venezuela desde meados de 2015, milhares de venezuelanos têm atravessado a fronteira em direção a diversos países, dentre eles, o Brasil. Esse deslocamento se dá em busca de melhores condições de vida, oportunidade de trabalho e mais dignidade humana. Em geral, são dois perfis de imigrantes venezuelanos: os urbanos e os indígenas da etnia Warao. Sendo assim, venezuelanos urbanos e indígenas se posicionam como novos moradores de cidades brasileiras, com pouco ou nenhum recurso (Ribeiro, 2021).

Originários da região do Delta Orinoco, ao nordeste da Venezuela, que possui uma das principais bacias hidrográficas do país, os indígenas Warao fazem parte do

povo venezuelano que, a partir da crise política e humanitária foram forçados a migrarem para outros países, e muitos deles atravessam a fronteira com o Brasil, objetivando alcançar melhores condições de sobrevivência (Neto & Alves, 2022).

O povo Warao é a segunda maior etnia da Venezuela e conta com mais de 50 mil pessoas. A palavra “warao” significa “gente que navega” e faz referência a sua mobilidade e proximidade com as águas. A possibilidade de reter alimentos para si e sua família tem sido o maior motivo para se deslocarem. Como aponta o relatório da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), é importante que sejam feitos levantamentos do perfil laboral, uma vez que quando moravam na Venezuela, predominavam as modalidades de trabalho realizadas no contexto das comunidades, o artesanato, a agricultura e a pesca.

Seus deslocamentos acontecem normalmente em grupo, constituída por famílias numerosas. Nas cidades brasileiras os Warao se juntam aos trabalhadores urbanos, se deparando com a falta de vagas e com a inadequação de seus perfis profissionais. Somado a isso, aponta-se para a necessidade de qualificação e comprovação de experiências anteriores, sem contar o domínio do português. Assim, como apontam Squeff e Pecker (2021), uma das atividades para obter renda é o ato de pedir nas ruas, artesanato e atividade de pesca.

É comum encontrarmos mulheres e crianças indígenas venezuelanas da etnia Warao pedindo nas ruas e nos sinais das cidades brasileiras. Isso se dá pela observação por parte dos indígenas de que os cidadãos brasileiros costumam ser mais generosos com mulheres e crianças, ainda que enxerguem essa prática com maus olhos, do que com homens, estigmatizando-os como preguiçosos. Há relatos de indivíduos indígenas que saem em busca de trabalho forma, porém enfrentam

dificuldades justamente por serem imigrantes e indígenas (Pontes & Nascimento, 2021).

Logo, se propor a analisar suas trajetórias de trabalho não é algo simples, são inserções precarizadas, vivenciando uma alteração de seus modos de vida. A ergologia nos faz o convite a olhar a complexidade da atividade de trabalho. Entende-se que a atividade de trabalho inclui não apenas as suas normas e medições, mas também tudo aquilo que o “lidar com a técnica” proporciona (Schwartz, 2011). Aplicando isto ao caso dos Warao, visualizamos diversos obstáculos enfrentados numa tentativa de inserção ao mercado de trabalho como as dificuldades com a língua portuguesa, baixo grau de instrução e falta de escolaridade, falta de documentação e principalmente a cultura totalmente diferente na encontrada no povo brasileiro na maneira como enxergam e como realizam suas atividades de trabalho (Ribeiro, 2021), o que os fazem vivenciar de maneira potente essa alteração de seus modos de vida.

Assim, entende-se que o trabalho é inseparável dos meios de vida e atua como uma relação de forças entre o que é social e o que é pessoal (Holz & Bianco, 2014). Dessa maneira, *“todo sujeito, todo grupo humano no trabalho é um centro de vida, uma tentativa de apropriação do meio, e sua vida no trabalho não é uma cerca separada de sua ambição de vida global”* (Schwartz, 2011, p.30). Nessa perspectiva, a Ergologia apresenta o trabalho como atividade, ato de natureza humana que vai abranger toda a complexidade humana, compreendendo a atividade como um impulso de vida, de saúde. Ela vai sempre escapar de qualquer categorização, saber disciplinar ou instrumento de medida, o que a torna um enigma a ser investigado (Holz & Bianco, 2014). Difere de ação pois esta possui início e fim determinados, sendo sujeita a uma razão. Já a atividade diz respeito a reapreciação, de julgamentos acerca

dos procedimentos, sendo um intenso vaivém entre o micro do trabalho e o macro da vida social (Schwartz, 2011).

Assim, tomamos como objetivo desse estudo a compreensão das trajetórias de trabalho, bem como dos desafios de imigrantes venezuelanos indígenas de etnia Warao na cidade de João Pessoa – PB, entendendo que a compreensão da atividade de trabalho como algo central e facilitador na possibilidade de busca por uma melhor qualidade de vida em um ambiente cultural totalmente distintos de sua origem e costumes.

## **Metodologia**

### *Lócus*

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter exploratória, visto que, somente através do método qualitativo é possível abordar com profundidade variáveis subjetivas (Minayo, 2012). A pesquisa foi realizada em um Centro Social pertencente a Arquidiocese da Paraíba, e com parceria com o Governo do Estado da Paraíba, recebe imigrantes venezuelanos pertencentes à etnia Warao. A casa fica localizada no município de João Pessoa – PB e oferta alimentação, assistência social e saúde aos imigrantes. O objetivo da instituição é o abrigamento e prestação de assistência social aos migrantes venezuelanos que chegaram à Paraíba, na direção de acompanhar, orientar, assessorar e apoiar a política de assistência social do território.

### *Participantes*

Participaram do estudo a pessoa de autoridade maior da comunidade Warao chamado de “aidamo” e sua esposa, que falaram pelo grupo. Nesta etnia é costume que a figura de autoridade fale por toda à comunidade. Todos viviam em áreas não-urbanas da Venezuela antes da migração, e que chegaram de maneira autônoma na cidade de João Pessoa. Todos possuíam idade maior que 18 anos. Além dos

imigrantes venezuelanos indígenas da etnia Warao, também participou do estudo a profissional responsável pela Ação Social com os imigrantes.

### *Instrumentos*

Foi realizada uma entrevista aberta, com o objetivo de compartilhar e discutirmos sobre suas trajetórias de imigração e inserção laboral. Esta é caracterizada pelo fato de que o participante do estudo é convidado a falar de maneira aberta sobre um determinado tema, onde as perguntas do pesquisador, quando feitas, possuem a finalidade de dar mais profundidade às reflexões trazidas pelo entrevistado, construindo assim informações e temas importantes para o objetivo da pesquisa (Minayo, 2004).

### *Procedimentos*

O estudo foi realizado levando em consideração os aspectos éticos importantes a pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução nº 466/12 (CNS, 2012), CAAE. A pesquisa só foi iniciada após a aprovação do projeto pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Antes de responderem a pesquisa, todos os participantes concordaram com o termo de consentimento livre e esclarecido.

### *Análise dos dados*

A análise de dados se deu à luz da ergologia. Foi utilizado do software MaxQda como auxiliar na organização dos elementos. O referido software permite organizar, avaliar e interpretar os dados coletados, facilitando a criação de relatórios de pesquisa. Além disso, o processo de codificação e categorização foi feito pelos próprios pesquisadores, elaborando uma grade de temáticas nos dados que possibilitou a correlação entre teoria e o que apareceu nas falas dos participantes.

## **Resultados e discussão**

*Políticas e funcionamento do projeto de acolhimento de indígenas venezuelanos da etnia Warao na cidade de João Pessoa – PB*

O Centro Social faz parte de um projeto social maior, vinculado a uma comunidade religiosa, existe há um tempo e sempre trabalhou com outros tipos de demandas de vulnerabilidade como pobreza, pessoas que vivem com HIV/Aids, etc. Desde a chegada autônoma de indígenas Warao na cidade, em parceria com o Governo do Estado, o centro social passou a acolher esses indígenas, coordenar abrigos e encaminhá-los para o mercado de trabalho, quando possível. A fim de conhecermos melhor do acolhimento e funcionamento do projeto, participou desse estudo uma das profissionais que trabalha no Centro Social, aqui usaremos o nome fictício de Mercedes.

No Brasil, é comum visualizarmos uma rota de mobilidade espacial pelos indígenas Warao, que se deslocam desde a região norte que possui fronteira com a Venezuela até diversas outras regiões e estados federativos do país. Dessa maneira, os indígenas se deslocam por uma grande distância, chegam em Boa Vista ou Manaus e, a partir daí, decidem se e para onde vão se deslocar. Diversos deles vem para a região Nordeste, com o objetivo de analisar as condições de vida na cidade, o apoio do governo e da população (Neto & Alves, 2022).

Nesse sentido, a respeito da chegada desse povo na cidade de João Pessoa, região nordeste do país, Mercedes expõe que a demanda é totalmente espontânea:

Eles chegam sem aviso prévio, muitas das vezes pelo contato com outros que já estão aqui. Direcionamos eles para abrigos, que são casas alugadas pelo projeto. Quanto maiores, melhor. Chegam sempre em grupo. Nunca surgem uma família com 3 ou 4 pessoas. Normalmente chegam em 10 ou 12. São povos que costumam andar em grupos e assim eles vêm se deslocando até aqui.

É possível explicar historicamente esses constantes deslocamentos. Desde a segunda metade século XX, o Estado Venezuelano realizou diversas intervenções nos territórios indígenas, o que forçou essas pessoas a migrarem dentro do país para os centros urbanos. Durante a década de 1990, o governo focou seus investimentos no ramo petrolífero, o que forçou ainda mais as migrações dos indígenas na tentativa de uma nova vida. Dessa maneira, os Waraos passaram a utilizar da estratégia de migração temporal nos meios urbanos, com deslocamentos curtos e analisando as melhores condições do local (Neto & Alves, 2022).

Nessa direção, Mercedes admite que *“poucos ficam, outros vão e a gente não sabe como. Simplesmente chegamos, perguntamos por alguém e eles dizem: ‘foi pra São Paulo’. São povos acostumados a mudar. Se não estiver dando certo aqui, eles vão pra outro lugar”*. Inicialmente os imigrantes venezuelanos de etnia Warao foram indiferentes ao controle migratório brasileiro, permanecendo a maioria absoluta deles sem qualquer tipo de documentação. Houve episódios onde foram deportados pela Polícia Federal, e ainda assim, a maioria retornava de forma clandestina (Xavier, 2021).

Dessa maneira, naturalmente se deslocando, a ideia era que ao entrarem em solo brasileiro fossem acolhidos pela Operação Acolhida – Força Tarefa Logística Humanitária, lançada pelo governo federal com o objetivo de receber e acolher imigrantes venezuelanos. Esta funciona através de três etapas: ordenamento da fronteira, abrigamento e interiorização. Existem apenas dois abrigos específicos para os indígenas Warao, ambos em Roraima, ainda que cheguem de maneira autônoma em outros estados e cidades da federação, este acabam permanecendo em condições de vulnerabilidade. Isto revela certo despreparo por parte das autoridades. Assim, por medo de deportação ou impedimentos legais, o povo Warao cruza a

fronteira propositalmente por áreas livres de fiscalização e sem serem documentadas, deslocam-se para diversas outras regiões (Squeff & Pecker, 2021).

*Condições de vida, perfil sociodemográfico e processos migratórios dos imigrantes venezuelanos indígenas da etnia Warao acolhidos na cidade*

A presença de imigrantes venezuelanos indígenas da etnia Warao é notada com destaque. Suas vestimentas, como os vestidos feitos de tecido com estampas floridas e cores vivas, suas peças de artesanato, o modo como pedem e recolhem esmolas, seus traços fenóticos e o conjunto dessas características são marcantes, não se parecendo com os demais imigrantes venezuelanos que chegam ao Brasil. Assim, mostram-se e devem ser tratados como um contingente incomparável, com suas necessidades e possibilidades (Xavier, 2021).

Essa diferenciação nos foi alertada ao longo de toda a pesquisa. Ao realizar a visita ao Centro Social, fui advertido das diferenças culturais e da pouca abertura para comunicação por parte dos venezuelanos indígenas. Ao chegar no abrigo, me deparo com várias crianças - entre 1 e 9 anos aproximadamente – na parte externa da casa. Todas elas estavam despidas ou vestiam apenas roupas íntimas, e pulavam em direção a uma árvore na tentativa de pegar caju, enquanto outras já estavam com a fruta na mão a comendo. Ao perceber a nossa aproximação, correram em nossa volta mostrando a fruta como uma nova descoberta, falando palavras soltas como “doce” e “boa”. As crianças maiores aparentaram certo receio à presença de Mercedes, temendo uma reclamação que logo veio, a respeito de não poder ficar fora da casa, e questionando onde estavam seus pais. As crianças não sabiam responder, e apenas corriam entrando e saindo da casa, a todo tempo.

Ao adentrar no abrigo, foi possível ver mais várias crianças andando e falando muito alto umas com as outras em seu idioma nativo. Uma das crianças repetia a palavra “hospital”, em referência ao fato de mais cedo, três delas terem ido ao hospital

com febre e dor no corpo. Alguns adultos jovens estavam na escada que dava acesso ao segundo andar mexendo no celular. A coordenadora buscava contato com eles para me apresentar, mas durante toda a visita foi nítido uma enorme dificuldade na comunicação entre eles. Os venezuelanos entendiam muito pouco em espanhol e menos ainda em português. Apenas o líder da tribo, chamado por ela de “cacique”, e sua esposa, conseguiam entender melhor e falar um pouco do português. Todos os outros apenas nos olhavam sem entender muito o que era solicitado.

Andamos pelo abrigo, onde pude conhecer as dependências que eles habitavam. O prédio em questão era bastante antigo, aparentemente construído para abrigar uma instituição empresarial, e não residencial. Era composta basicamente por um corredor com várias portas, que davam acesso a uma sala com um banheiro. Segundo Mercedes, cada família vivia em uma sala com banheiro, e esse estilo de construção facilitou a divisão e organização entre eles. E, por ser um prédio afastado de outras residências, melhorou a problemática que existia entre os moradores da comunidade e os venezuelanos com seus costumes diferentes.

A dificuldade no relacionamento entre venezuelanos indígenas e moradores locais é comum, diante das tantas diferenças culturais. Os moradores locais costumam repercutir a ideia de que os venezuelanos indígenas são preguiçosos e mal-agraçados, e os enxergam com olhar de menosprezo, muitas vezes os tratando como moradores não desejados. Há relatos de famílias indígenas Warao que moravam em Manaus e não foram aceitos pelos proprietários das casas alugadas, embora pagassem o dobro do valor do aluguel, devido a reclamações da comunidade sobre a má higiene deles (Ribeiro, 2021).

Em cada sala do prédio habitava entre 8 e 10 pessoas, que se dividiam entre as redes e o espaço no chão. Cada família (pai, mãe e filhos) vivia em uma sala. Essas

famílias se iniciavam bem cedo, pelo que pude perceber, pois muitos desses pais e mães possuíam menos de 16 anos. Todos viviam muito juntos, e interagiam de maneira muito próxima entre as famílias, como uma verdadeira comunidade. Na organização familiar do povo Warao, os mais velhos possuem um papel de liderança, normalmente homens, chamados de Aidamo, sendo o chefe de comunidade e da família (Neto & Alves, 2022)

Em algumas salas todas as torneiras e chuveiros estavam ligados, sem que ninguém a utilizasse, gerando uma reclamação por parte de Mercedes durante nossa visita. A mesma me explicou que esses hábitos são comuns, uma vez que eles não entenderiam como funcionam nossos hábitos de minimizar os gastos, pois viviam na Venezuela em trabalhos de campo, usufruindo de maior abundância de água e uma vivência menos urbana. Durante todo esse tempo eles se comunicavam de maneira muito alta em seu dialeto, as crianças principalmente, que corriam de um lado para o outro, animadas com minha presença, mas ao me perceber olhando ou tentando interagir com elas, corriam envergonhadas. Alguns trocaram de roupa, ou vestiram camisas para estar em nossa presença, visto que antes a maioria vestia apenas bermudas ou apenas roupa íntima.

A explicação mais plausível para os problemas do fluxo migratório de indígenas Warao parece ser o racismo institucional. Os migrantes indígenas, ainda que solicitem o status de refugiado, em sua maioria não têm o pedido reconhecido. Reproduzimos, como país, um padrão de ajuda humanitária que não coincide com a questão da cidadania para esses imigrantes, fazendo com que seja oferecido um tratamento muito diferenciado ao invés de proteção e promoção da cidadania desse povo. Assim, eles continuam em abrigos superlotados, seguindo no seu movimento de ir e vir (Moreira, 2018).

Após conhecer as dependências da casa, Mercedes, que estava mediando nosso contato, solicitou uma mesa e cadeiras para que eu pudesse entrevista-los. Posicionamos a mesa e a cadeira no corredor de entrada da casa, e iniciei as entrevistas. Todos os que iriam participar estavam de pé esperando sua vez, extremamente envergonhados. Se olhavam como quem não sabiam o que fazer e nem como interagir. A comunicação foi difícil, quase inexistente, visto que a maioria não falava muito bem português e nem espanhol. O conteúdo da conversa com os indígenas da casa foi extremamente breve pois eles não se aprofundavam no assunto e não conseguiam detalhar suas respostas. As únicas entrevistas possíveis aconteceram com o Aidamo e sua esposa, que explanaram de maneira mais compreensiva, ainda que com pouco conteúdo, e falaram pelo grupo visto que ocupam um cargo de liderança dentro da comunidade. A entrevista foi realizada em português, a pedido dos participantes, visto que conseguiram formular frases e compreender, ainda que com dificuldade.

Chamaremos o Aidamo de Diego e sua esposa de Maria, ambos os nomes são fictícios. Diego possui 26 anos e Maria 24, estão no Brasil desde 2017 e vieram em decorrência da crise, juntos e em grupo, andando, em busca de melhores condições de vida. Entraram pela cidade de Pacaraima, na fronteira com a Venezuela, em seguida foram até Boa Vista, a capital, e desde então seguem pedindo caronas e andando grandes distâncias entre as cidades. Diego, sobre seu processo migratório, narra que:

Vim quando as coisas ficaram ruins, o dinheiro não dava pra comprar muita coisa e tivemos que sair da Venezuela como muita gente estava fazendo. Viemos andando até chegarmos aqui, quase todos que estão aqui, juntos. Os que não vieram antes foram chegando depois. A gente manda chamar.

É característico da migração dos Waraos o fato de que eles nunca estão sozinhos. É comum que eles andem sempre com toda sua família, colocando na balança sempre as condições financeiras e trajeto escolhido para que decidam se fixam ou não residência. Dependendo do resultado desse balanço, os Waraos se deslocam com toda a família ou por parte (Neto & Alves, 2022).

Muitos explicam que vieram para o Brasil simplesmente porque um parente veio antes e ter o comunicou ter conseguido vender todo o artesanato que trouxe (Moreira, 2018). O motivo por se deslocar de determinada cidade normalmente vai acontecer pela falta de segurança alimentar, mas também por questões sociais, como o estigma de serem “pesos” para aquela sociedade (Ribeiro, 2021).

É verdade que muitos dos indígenas Warao já estavam fora de suas terras, em territórios distantes, ainda na Venezuela e muito antes de terem atravessado a fronteira com o Brasil. Porém, isso não enfraquece que, ao cruzarem uma fronteira internacional haja uma cisão, um corte e rompimento com seus deslocamentos anteriores, caracterizando uma etapa mais radical. Pois, em um território estrangeiro, seus ciclos de relações encontrarão uma conjuntura mais desafiadora, as ações que afirmam sua própria cultura se deparam com novos obstáculos diante de uma sociedade em volta diferente, e as comunidades indígenas brasileiras terão dificuldades para enxergá-los como parentes (Xavier, 2021).

#### *Desafios, trajetórias de trabalho e investimento de seus saberes em uma outra cultura*

Diversas são as dificuldades enfrentadas pelos Waraos em solo brasileiro. Podemos apontar dificuldades relacionadas ao acesso ao mercado de trabalho, dificuldades com a língua portuguesa, grau de instrução e falta de escolaridade, falta de documentação e a cultura totalmente distinta (Ribeiro, 2021). Nessa direção,

Mercedes discorre que encontra exatamente nessas dificuldades seus principais obstáculos:

Eles são muito diferentes de todo os públicos que já trabalhamos. Não falam espanhol e nem português. Nossa comunicação é bem limitada. São culturalmente um povo mais “preguiçoso”, pois é da cultura deles viver em família. E são pessoas que têm hábitos de higiene diferentes. Então, constantemente temos problemas com a comunidade vizinha. Eles dificilmente aceitam visitas de médicos ou outros profissionais, pois acreditam basicamente na medicina deles e em seus curandeiros, então, precisamos aos poucos introduzi-los em nossa cultura. O trabalho é a maior dificuldade, pois como falei, todas essas diferenças fazem com que eles não sejam absorvidos pelo nosso mercado, seja formal ou informal. O que resta é o trabalho artesanal e pedir nos sinais.

Suas práticas culturais tão distintas das nossas os fazem sofrer com a intolerância e xenofobia. Moradores locais os consideram preguiçosos e não dispostos ao trabalho, decorrente da ideia de que o trabalho dignifica o homem. Visão que acaba sendo corroborada de forma institucional, como vimos na fala acima. Essa questão do trabalho e inserção no mercado talvez seja a maior das dificuldades que os Waraos têm enfrentado. Eles, como um povo indígena, não estão preparados para um trabalho pensado pela e para a sociedade ocidental, o que os coloca em um lugar na parte inferior da hierarquia social (Ribeiro, 2021). O maior empecilho para a entrada da maior parte dos imigrantes no mercado de trabalho a crescente resistência e o preconceito com essa população (Mancebo, Costa & Pessôa, 2018). É o que fica nítido quando a entrevistada discorre sobre suas tentativas de introduzi-los no mercado de trabalho:

Tentamos introduzi-los em nosso meio através de oficinas de artesanato, pois percebemos que eles são ótimos nisso, ajudamos eles na produção e venda, para que eles tenham renda, bem como recrutamos alguns para trabalhar conosco em nosso projeto quando possível, ou encaminhamos para o SINE. Mas infelizmente a parte de trabalho não tem dado certo. Eles são um povo muito diferente. Não estamos falando de venezuelanos urbanos. Eles são indígenas. Viviam andando pelo país, não tinham residência fixa e trabalhavam com a pesca, caça, agricultura, etc. Acontece que eles não estão acostumados com nosso estilo de trabalho formal, embora isso seja o que mais surge na fala deles, justamente pela necessidade de ter renda, ajudar a família e se estabilizar aqui. Porém, o que mais funciona pra eles aqui é ser pedinte nos sinais. Trabalhar de maneira formal não faz sentido pois eles estão acostumados a viver juntos, durante a maior parte do tempo. Não faz sentido pra eles passar o dia fora e ganhar tão pouco. Já encaminhei um jovem para o trabalho, mas com o passar do tempo ele começou a faltar e justificava que iria jogar futebol. Culturalmente são muito diferentes.

O contato com a natureza, a vivência em ambientes não urbanos e a obtenção de rendas advindas do contato com a natureza e a execução de atividades ligadas à pesca e agricultura, faz com que a maioria dos imigrantes venezuelanos indígenas da etnia Warao que vieram para o Brasil relatem que o que mais sentem falta com relação ao mercado de trabalho é a falta de ferramentas e de atividades de trabalho integradas à natureza (Squeff & Pecker, 2021).

Toda a vida e sobrevivência do povo Warao está diretamente interligada de forma cultural, social e ambiental com o rio que corta a região de Delta Orinoco. Diante dessa relação com as águas, os indígenas venezuelanos Waraos direcionam suas

atividades à pesca sendo normalmente pescadores, o que torna tal atividade a principal fonte de renda desses indivíduos (Neto & Alves, 2022). É o caso de Diego, que, ao narrar sobre suas trajetórias de trabalho antes da migração, narrou basicamente sobre as atividades de pescador e suas vivências às margens do rio:

Antes de vir pro Brasil trabalhava com Pesca. Vivia em um lugar que tinha muitas águas. Durante o início dos dias eu pescava, e tudo que eu conseguia levava para a feira para trocar por dinheiro ou por alimentos. Era assim a minha vida.

No que diz respeito ao papel das mulheres, geralmente elas possuem papel ligado à organização do lar, e nos meios urbanos se direcionam a organização das atividades de pedir doações e dinheiro nas ruas da cidade (Alves & Diego, 2022). É o que foi possível observar na fala de Maria, ao narrar sobre suas atividades atuais: *“aqui eu nunca trabalhei. Ninguém quer dar trabalho pra gente. Hoje o que ganhamos é de pedir nas ruas. Eu gosto e as pessoas ajudam”*.

A mendicância e atividade como pedinte ao chegarem nos meios urbanos pode ser analisada sob a ótica da atividade, à medida que possui reciprocidade e se liga diretamente à vida fluvial na pesca, coleta de frutos e de pequenos animais. Assim, se observa que ambas as atividades, seja na vida no campo ou urbana, possuem semelhança no comportamento econômico com objetivo de subsistência, e a atividade de pedinte nas ruas e sinais serve como uma espécie de compensação, explicando assim por que um povo coletor se transformaria em um pedinte (Xavier, 2021).

É no enfrentamento cotidiano do mundo que a experiência se produz, por meio da atividade, através da qual o sujeito se expõe, se coloca à prova, se submete aos medos, às frustrações, e aos limites. A travessia desses enfrentamentos permite o desenvolvimento da experiência e a produção de um saber e de uma práxis. Nesse

aspecto, a experiência pode ser compreendida como aprendizagem que decorre do encontro - e muitas vezes do confronto - do sujeito com o real (Mata, Oliveira & Barros, 2017). Tratamos então, de sujeitos completos, imersos em sua experiência antropológica, onde, ao se depararem e se confrontarem com o real, acessam dispositivos históricos, sociais, técnicos e singulares que os proporciona perpassar por sua atividade em um constante e permanente debate de normas e valores (Schwartz, 2007).

É por meio do corpo que esse debate acontece, antecedendo cada ação e escolha que fazemos. Tais debates constituem as dramáticas do uso de si, que se justificam pela impossibilidade de previsão e racionalização total do mundo. Toda e qualquer atividade humana envolve uma dramática, cujos debates dão origem a escolhas e renormalizações, onde cada indivíduo vai interpretar e aplicar as normas a partir de sua história individual, experiência, visão de mundo e contexto específico. É através do corpo do trabalhador que a história da atividade se registra (Mata, Oliveira & Barros, 2017).

No caso dos Warao, a mendicância seria, assim, uma forma de adaptação forçada diante de um novo contexto social e cultural, e, ao mesmo tempo, o reforço e possibilidade de manutenção de um hábito ancestral (Xavier, 2021).

Assim, fica evidente então, a aproximação do descrito com os conceitos ergológicos do trabalho humano enquanto um conjunto de valores que faz e é feito por normas passíveis de renormalizações, sendo um movimento que vai do micro da atividade e atravessa o macro da vida social, pesando um no outro. Dessa forma, compreende-se que o trabalho é sempre atravessado de história. O trabalho é inseparável dos meios de vida, sendo impossível uma neutralidade em sua

construção. Proporciona e atua como uma relação de forças entre o que é social e o que é pessoal (Holz & Bianco, 2014).

Entretanto, ainda que a atividade de pedinte seja algo já incorporado em suas culturas, isso não significa dizer que não represente também o contexto de privações e falta de oportunidade de trabalho, o que vai além de reproduzir uma prática cultural de onde vieram (Silva, 2018). Sendo assim, a mendicância que é realizada principalmente pelas mulheres Warao, é um fator a ser destacado tanto como uma atividade, ação no mundo, que revela muito da triste realidade e da dificuldade que é serem inseridas no mercado de trabalho urbano (Ribeiro, 2021).

A imposição por executar trabalhos precários e preparados por e para uma cultura diferente mediante o contato dos indígenas da etnia Warao com ambientes urbanos até mesmo antes da migração trazia seus malefícios e fez com que houvessem mudanças que colocaram em risco alguns valores culturais desse povo. O que demonstra o quanto a atividade de trabalho ocupa um espaço potente e suas vivências. Uma dessas mudanças foi impulsionada justamente pelo uso da força de trabalho indígena de baixo custo nas atividades madeireiras e na plantação comercial do arroz (Cirino, 2020).

Os malefícios dessa imposição de execução com essas formas de trabalho ficam evidentes na fala de Diego quando relata que:

Aqui eu já trabalhei como ajudante de pedreiro em Boa Vista, mas não deu certo. Era muito difícil e eu não sabia fazer o que me pediam, além de ganhar muito pouco. Era muito pesado e cansativo. Hoje meu trabalho é com peças artesanais. Eu faço e vendo. Mas o dinheiro é pouco, não dá pra quase nada. É muito difícil. Eu gostaria de trabalhar com qualquer coisa, tenho muita

vontade, mas que não fosse tão difícil e pesado. Não sei ler e nem escrever. Quero trabalhar para manter minha família e ajudar minha comunidade.

Diego nos fala do uso de si, desse encontro de saberes onde o que ele traz como experiência não parece ter valor suficiente. É interessante também pensar que é um povo que trabalha com artesanato, proveniente da sua cultura, mas que ao chegar aqui precisam ser submetidos a cursos de outros artesanatos, como se mais uma vez, seu saber não tenha lugar nessa nova cultura. Em pesquisa sobre as atividades exercidas por imigrantes venezuelanos indígenas Warao, foi evidenciado que em geral eles exerciam atividades mal remuneradas, seja na cidade ou até mesmo em ambientes de zona rural, para fazendeiros da região (Silveira & Carneiro, 2018).

Estamos diante de uma fase de desconstrução do trabalho que impulsiona os modos de ser da informalidade e da precarização, levando à inserção de uma nova era de precarização estrutural do trabalho em níveis globais, caracterizado por um trabalho cada vez mais instável e precarizado (Antunes, 2011). O que nos leva a pensar que os Warao são fortes candidatos a fazerem parte desse precariado, ou seja, estar sujeito a diversas pressões e diversas experiências que conduzem a uma existência que é precariada. Além disso, diz respeito a viver no presente sem uma identidade segura ou um senso seguro que permita desenvolver-se por meio do trabalho e de seu estilo de vida (Standing, 2013).

Os imigrantes são atingidos diretamente por essa tendência, pois em geral possuem horários mais desconfortáveis, como jornadas noturnas e em fins de semana, salários mais baixos, maior exploração de sua mão de obra e discriminação (Eberhardt & Miranda, 2017). Assim, um bom exemplo da tendência de precarização estrutural do trabalho em uma escala global é a respeito dos imigrantes (Antunes,

2013). Aprofundando isso ao fato de serem imigrantes indígenas, Pontes e Nascimento (2021) descrevem que, ao buscarem trabalho formal, os indígenas venezuelanos da etnia Warao discorrem que frequentemente são descartados, justamente pelo fato de serem, além de indígenas, imigrantes.

Porém, é possível afirmar que essa tendência não impacta da mesma forma todos os indivíduos migrantes. Nota-se diferença entre um migrante espanhol ou português, e um migrante haitiano ou boliviano, embora ambos tenham a mesma formação. Assim, verifica-se um atravessamento ético, de classe e geopolítico mesmo dentro da esfera da precarização (Barros, 2017).

Diante do exposto, fica notório o peso de ser imigrante latino-americano e indígena, em um lugar em que se é visto com indiferença e desprezo. Observamos que a expectativa da melhoria de vida confronta com a realidade e faz com que caminhos e sonhos sejam refeitos (Ribeiro, 2021). Podemos perceber isso na fala de Maria, quando narra que:

Tudo aqui é difícil, é muito diferente. Quando eu ando na rua eu não consigo me imaginar mais aqui. Eu choro e me arrependo de ter vindo quando vejo meus filhos sem ter o que comer. Se eu pudesse eu voltaria, mas lá ainda está muito difícil. O que resta é continuar aqui.

Nota-se, portanto, que a imigração do povo Warao possui características específicas, de uma população que carrega consigo o sofrimento o processo de colonização e subtração de sua humanidade na história. Sendo assim, não pode ser colocado na mesma esfera de dinâmica da imigração dos venezuelanos urbanos (Silveira & Carneiro, 2018).

Desse modo, é possível visualizar que os indígenas Warao chegam ao Brasil, e mais especificamente à cidade João Pessoa com o objetivo de fugir de uma

realidade de crise e acabam por enfrentar condições de vida ainda difíceis e com condições precárias. Ao serem questionados sobre trabalho, ficou evidente que nosso estilo de trabalho formal os causa muito estranhamento. Todos relatavam o desejo, visto que seus maiores objetivos incluem dar uma vida melhor para sua família aqui e na Venezuela, e isso seria possível a partir do trabalho. Tal fato corrobora com o apresentado em um estudo com indígenas Warao que vivem no norte do país, que discorre sobre os seus meios de sobrevivência. Basicamente encontram-se vivendo a partir de doações da população, ajuda de projetos de entidades e como pedintes em ruas, avenidas e semáforos da cidade (Neto & Alves, 2022).

No mês de junho de 2018, o jornal venezuelano “El Nacional” publicou uma matéria que reportagem apresentava o povo Warao como *“los más vulnerables en el éxodo de venezolanos a Brasil”*. Após vários anos da publicação dessa matéria, essa questão continua sendo uma realidade (Xavier, 2021).

### **Considerações Finais**

A imigração venezuelana em direção ao Brasil passa por diversos fatores que a tornam extremamente singular. A rapidez de seu fluxo, sua migração forçada, seus indivíduos em estado de vulnerabilidade social, e dentre eles, povos indígenas com seus costumes e hábitos extremamente distintos. Ao nos debruçarmos sobre a trajetória de trabalho do povo Warao, percebemos uma saída da agricultura, pesca e artesanato, para uma nova cultura onde esses costumes não parecem caber.

Ficou evidente que dentro da vulnerabilidade vivenciada pelos imigrantes venezuelanos que cruzam as fronteiras em direção ao Brasil, podemos destacar uma situação ainda mais extrema, a dos indígenas. Seus costumes, a sua mobilidade, a vivência em grandes grupos, o ato de pedir nas ruas, bem como suas tradições em geral, os coloca numa dinâmica de ainda mais dificuldade de lidar com a mudança

geográfica e cultural, dificultando o estabelecimento de uma melhor qualidade de vida – motivo que os fizeram migrar, que passa pela inserção laboral, entendendo o trabalho como fator indispensável nessa busca.

Assim, ao enxergamos sob a ótica da ergologia, entendemos o trabalho como inseparável dos meios de vida, se situando justamente entre o que é social e o que é pessoal. No caso dos Waraos, suas atividades ligadas ao trabalho ancestral como coletores na agricultura e na pesca os fazem encontrar na atividade de pedinte e mendicância uma maneira de compensar suas práticas ancestrais, equilibrando na balança o real com o prescrito. Suas práticas e costumes sendo tão distintas das nossas os colocam numa posição mais passível de sofrer com preconceito e xenofobia, pois, além de imigrantes, são latinos e indígenas. Sua lógica de trabalho como uma atividade menos formal endossa o pensamento do senso comum de que eles não estão dispostos ao trabalho, costurando assim uma rede consistente e espessa de dificuldades para serem inseridos no mercado de trabalho.

Para além da cultura totalmente distinta, as dificuldades passam pelos campos da língua portuguesa, grau de instrução e falta de escolaridade, falta de documentação, etc. O que resta então para esses indivíduos são postos de trabalho precários, seguindo a tendência da precarização estrutural, mas em uma faceta ainda mais dura de exploração e discriminação. Resta então apelar para o poder público, através de políticas públicas que conheçam a realidade dos imigrantes venezuelanos indígenas em um contexto urbano e culturalmente tão diferente de seu povo e do povo que os cercava em seu país de origem, os acolham de maneira humanizada e respeitosa, passando pelo reconhecimento de suas práticas e costumes e os integre em uma sociedade que conheça sobre suas particularidades, e um mercado laboral

que atenda às suas necessidades, para que assim possa-se obter a tão sonhada qualidade de vida objetivada pelos mesmos em suas migrações.

## Referências

- Antunes, R. (2011). Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho. *Serviço Social & Sociedade*, (107), 405-419.
- Antunes, R. (2013). A corrosão do trabalho e a precarização estrutural. In V. L. Navarro & E. A. S. Lourenço (Orgs.), *Avesso do trabalho III: Saúde do trabalhador e questões contemporâneas* (1ª ed., pp.19-26) São Paulo: Expressão Popular.
- Barros, C. R. (2017). Trabalho e território de haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte: precariedade e resistência. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil.
- Cirino, C. A. M. (2020). Índios, imigrantes e refugiados: os Warao e a proteção jurídica do estado brasileiro. *Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia*, 3(02), 124-136.
- Eberhardt, L. D., & Miranda, A. C. D. (2017). Saúde, trabalho e imigração: revisão da literatura científica latino-americana. *Saúde em debate*, 41, 299-312.
- Holz, E. B., & Bianco, M. F. (2014). O conceito de trabalho na ergologia: da representação à atividade/The concept of work in Ergology: from representation to activity. *Trabalho & Educação*, 23(2), 157-173.
- Mancebo, R. C., Costa, A. S. M., & Pessôa, L. A. G. D. P. (2018). Limites e Possibilidades do Uso da História de Vida em Pesquisas com Refugiados no Brasil. *Revista Adm. Made*, 22(3), 38-53.
- Mata, C. C., de Oliveira, F. G., & Barros, V. A. (2017). Experiência, atividade, corpo: reflexões na confluência da psicossociologia do trabalho e ergologia. *Psicologia em Revista*, 23(1), 361-373.
- Minayo, M. C. S. (2004). *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. (14ª ed.) São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2012) Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 17(3), 621-626.
- Moreira, E. (2018). Os Warao no Brasil em cenas:“o estrangeiro...”. *Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações*, 2(2), 56-69.
- MPF, Ministério Público Federal. *Parecer técnico Seap/6aCCR/PFDC n. 208, sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima*. 2017.
- Neto, D. V. A., & Alves, J. (2022). Mobilidade espacial dos indígenas venezuelanos Waraos para o estado do Acre: trajetória e as condições de vida

na capital Rio Branco. *UÁQUIRI-Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre*, 4(1).

Pontes, S.S., & Nascimento, M. A. C. (2021). Os indígenas Warao na realidade belenense: uma pesquisa bibliográfica. *Políticas Públicas, Educação e Diversidade: uma compreensão científica do real*. Volume 2.

Ribeiro, M. (2021). Imigração venezuelana: os Waraos e o direito à moradia, à educação, ao trabalho e à cidade de Manaus (2016-2019). *Manduarisawa*, 5(1), 28-40.

Schwartz, Y. (2007). Un bref aperçu de l'histoire culturelle du concept d'activité. *Activités*, 4(4-2).

Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9, 19-45.

Silva, S. A. (2018) Indígenas venezuelanos em Manaus: uma abordagem preliminar sobre políticas de acolhimento. In.: Baeninger, R. *Migrações Sul-Sul. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" – Nepo/Unicamp*, 2. ed., p. 244-250.

Silveira, M. D. C. P., & Carneiro, C. S. (2018). A declaração das nações unidas sobre os direitos dos povos indígenas e os impactos da nova lei de migração brasileira sobre o direito de livre circulação do povo Warao. *Périplos: Revista De Estudos Sobre Migrações*, 2(2), 69-95.

Squeff, T. D. A. C., & Pecker, J. P. (2021). As dificuldades de mobilidade dos povos originários venezuelanos de etnia Warao no Brasil decorrentes do veto na lei de migrações à sua livre circulação. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 13(26), 204-228.

Standing, G. (2013). El precariado. Una nueva clase social. (1a ed.), *Barcelona: Ediciones de pasado y presente*.

Xavier, F. C. C. (2021). Direitos indígenas para imigrantes indígenas: o caso dos Warao no Brasil. *Revista Da Faculdade de Direito do Sul de Minas*, 37(2).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração venezuelana para o Brasil se diferencia de outros fluxos migratórios justamente pela sua complexidade diante da intensidade e necessidades que esses indivíduos apresentam, mediante o contexto de migração forçada. A partir disso, foi possível elencar como central a questão do trabalho, e não apenas como mais um fator diante de tantos outros na vida de um imigrante que busca uma melhor vida melhor. É partir dele que muitos imigrantes venezuelanos pretendem alcançar essa melhor qualidade de vida, tão sonhada ao cruzar as fronteiras para nosso país. Além disso, acessamos a compreensão de como o trabalho contribui para o processo de integração dos imigrantes nesse novo contexto.

É necessário manter-se o entendimento do trabalho como algo que vai além do mensurável, do formal e da atividade prescrita, compreendendo também suas classificações morais e psicológicas, e qual o impacto pessoal e social desse fenômeno na vida de imigrantes, na adaptação em um novo contexto, e importância para fixação em um novo lugar. Apenas a partir dessa compreensão, será possível a elaboração de medidas mais eficazes como políticas públicas que visem compreender suas questões, atender suas necessidades e integrar os imigrantes na sociedade, de maneira estratégica e possível, discutindo a questão do trabalho relacionado aos povos imigrantes venezuelanos que continuam chegando ao Brasil.

Foi a partir desse entendimento do trabalho como uma atividade complexa e subjetiva, que ocupa um lugar de centralidade, onde o indivíduo leva em consideração seu contexto social, pessoal, familiar, etc., que encontramos na ergologia a possibilidade de tecer uma relação da representação em torno do trabalho a partir do contexto histórico, relacionando o trabalho humano com a vida social.

Dessa maneira, foi possível compreender as trajetórias de trabalho desses imigrantes venezuelanos que buscam por sua inserção no mercado laboral nacional, mas ainda não encontram um contexto propício para tanto. São diversas as dificuldades encontradas, como a falta de documentação e a dificuldade burocrática de solicita-las e emiti-las, a dificuldade de revalidar diplomas, bem como a dificuldade com a língua portuguesa. Àqueles que conseguem se inserir em geral terminam por realizar atividades laborais afetadas pela precarização do trabalho, realizando atividades em um menor nível de formação do qual possuía na Venezuela, cargas de horário imensas, salários precários, xenofobia e discriminação nos ambientes de trabalho e até mesmo em condições análogas à escravidão.

Como estamos lidando com um fluxo misto, foi possível perceber que essas dificuldades se intensificam ainda mais, como uma espécie de vulnerabilidade extrema dentro da vulnerabilidade, quando falamos de mulheres venezuelanas, ainda mais aquelas que cruzam as fronteiras sozinhas ou com seus filhos, bem como do povo indígena da etnia Warao, que possuem suas práticas e costumes diferentes das nossas, com uma lógica de trabalho totalmente distinta que termina os transformando em um povo pedinte, vivendo nas ruas e praticando da mendicância, o que endossa o pensamento xenofóbico da sociedade.

Ao descrever o perfil sociodemográfico dos imigrantes venezuelanos acolhidos na cidade, percebemos uma maior presença de famílias com pai e mãe adultos jovens com filhos crianças, e seus processos migratórios ocorreram de maneira sofrida e dolorosa, tendo que abandonar seu país de origem de maneira forçada, vítimas da fome causada pelo desemprego ou por trabalhos com salários extremamente baixos.

Ficou nítido o quanto os usos de si se transformaram antes e depois da migração. Enquanto tínhamos trabalhadores que se realizavam na realização de suas

atividades laborais de maneira pessoal, visando crescimento profissional e status social, hoje percebemos trabalhadores que se engajam em seus trabalhos quase que exclusivamente pela necessidade de sobreviver.

Espera-se, que este estudo contribua com um olhar mais profundo e específico a respeito da questão do trabalho com o povo imigrante venezuelano que chega ao Brasil desde meados de 2015, ajudando na obtenção das necessidades desses indivíduos, que ajude em sua integralização nesse novo contexto, consequentemente melhorando sua saúde mental, e ajudando no alcançar de uma melhor qualidade de vida, diminuindo assim os danos causados pela necessidade de saída de seu país.

De maneira pessoal, enquanto pesquisador, encontro no desenvolvimento desse estudo a possibilidade de crescimento profissional, consolidando dentro de mim uma psicologia que se desdobra no entendimento da subjetividade humana, as particularidades e individualidades de cada indivíduo, não desconsiderando suas trajetórias, vulnerabilidades e contextos, para que com ela e a partir dela, possamos construir e reforçar potencialidades, entendendo que não se constrói esse processo desconsiderado o trabalho como fenômeno central.

Salienta-se ainda a importância do desenvolvimento de estudos qualitativos que objetivem a análise e discussão de questões relacionadas ao trabalho com populações imigrantes. Visto que só a partir dele é possível obter compreensões mais amplas para poderem ser elaboradas estratégias que se voltem para a proteção dessa população, suas condições de vida, direito ao trabalho e saúde, seja através de políticas públicas ou através de movimentos sociais.

Reitera-se a importância do desenvolvimento de estudos que tenham como base esse aprofundamento, e que possam chegar a mais imigrantes.

## REFERÊNCIAS

- Ailán, E. R. A. (2020). *Inserção laboral de imigrantes venezuelanos em Curitiba: desafios e possibilidades*.
- Albuquerque, L. F. D. (2019). Migrantes e o processo de integração: um estudo de caso sobre migrantes venezuelanos em João Pessoa. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, PB, Brasil.
- Andrade, C. B., Bitencourt, S. M., Santos, D. L., & Vedovato, T. G. (2020). Venezuelanas no Brasil: trabalho e gênero no contexto da Covid-19. *UNICAMP/Núcleo de Estudos de População Elza Berquó*.
- Antunes, R. & Druck, G. (2015). A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra. *O Social em Questão*, v. 18, n. 34, p. 19-40.
- Antunes, R. (1999). Mercado informal, empregabilidade e cooperativismo: as transformações das relações de trabalho no mundo contemporâneo. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 2, n. 1, p. 55-72.
- Antunes, R. (2006). As formas contemporâneas de trabalho e a desconstrução dos direitos sociais. *Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Cortez, p. 41-51.
- Antunes, R. (2008). *Adeus ao Trabalho? ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho*. (15a ed.) Rio de Janeiro: Cortez.
- Antunes, R. (2011). Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho. *Serviço Social & Sociedade*, (107), 405-419.
- Antunes, R. (2013). A corrosão do trabalho e a precarização estrutural. In V. L. Navarro & E. A. S. Lourenço (Orgs.), *Avesso do trabalho III: Saúde do trabalhador e questões contemporâneas* (1a ed., pp.19-26) São Paulo: Expressão Popular.
- Barbosa, L. A., Tonhati, T. M. P., Herrera, M. U., & Silva, L. C. (2020). Desafios, limites e potencialidades do empreendedorismo de refugiados, solicitantes de refúgio e imigrantes venezuelanos no Brasil. *Anais*, 1-9.
- Barros, C. R. (2017). Trabalho e território de haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte: precariedade e resistência. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil.
- Bispo, L. V. S., & Silva, J. B. (2021). Perfil laboral de refugiados venezuelanos no Brasil. *REN9VE-Revista Científica Campus XIX-UNEB*, 2(2), 58-71.
- Boas, A. A. V., & Morin, E. M. (2015). Sentido do trabalho e orientação para o trabalho: um estudo em universidades públicas de Minas Gerais e do Quebec. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, 8(4), 117-133.
- Cardoso, E. C. S., & Oliveira, A. R. C. (2019). Intervenção psicossocial com imigrantes venezuelanos em Manaus: um relato de experiência. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 23(2), 495-519.

- Cirino, C. A. M. (2020). Índios, imigrantes e refugiados: os Warao e a proteção jurídica do estado brasileiro. *Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia*, 3(02), 124-136.
- Durrive, L. & Schwartz, Y. (2008). *Glossário da ergologia*. Laboreal, v. 4, n. Nº1.
- Durrive, L. (2011). A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. *Trabalho, educação e saúde*, v. 9, p. 47-67.
- Eberhardt, L. D., & Miranda, A. C. D. (2017). Saúde, trabalho e imigração: revisão da literatura científica latino-americana. *Saúde em debate*, 41, 299-312.
- Fagundes, M. K. (2019). Migração venezuelana e a exploração de trabalho análogo ao de escravo em Roraima. *Revista da Escola Nacional da Inspeção do Trabalho*.
- Gregoviski, V. R., de Moraes Ortigara, G., Soares, A. P., & Monteiro, J. K. (2021). "Luz para a rua e escuridão para dentro": imigração, trabalho e saúde mental. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 6(12), 78-94.
- Hirata, H. (2009). A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. *Sociologias*, p. 24-41.
- Holz, E. B., & Bianco, M. F. (2014). O conceito de trabalho na ergologia: da representação à atividade/The concept of work in Ergology: from representation to activity. *Trabalho & Educação*, 23(2), 157-173.
- Junior, H. D. S. B., Oliveira, C. T. G., & Alves, G. (2021) *O venezuelano e o trabalho informal nos semáforos de Boa Vista*.
- Justiniano, J. S., & Braga, T. B. F. (2020). O direito ao trabalho dos migrantes venezuelanos e a busca da dignidade perdida: a importância das éticas da hospitalidade e do cuidado. *Revista Nova Hileia*, 8(1), 4-23.
- Lima, J. B. B., Muñoz, F. P. F., Nazareno, L. D. A., & Amaral, N. (2017). Refúgio no Brasil: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014). Brasília: Ipea.
- Mancebo, R. C., Costa, A. S. M., & Pessôa, L. A. G. D. P. (2018). Limites e Possibilidades do Uso da História de Vida em Pesquisas com Refugiados no Brasil. *Revista Adm. Made*, 22(3), 38-53.
- Mata, C. C., de Oliveira, F. G., & Barros, V. A. (2017). Experiência, atividade, corpo: reflexões na confluência da psicossociologia do trabalho e ergologia. *Psicologia em Revista*, 23(1), 361-373.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. C. P., & Galvão, C. M. (2019). Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 28.
- Minayo, M. C. S. (2004). *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. (14ª ed.) São Paulo: Hucitec.

- Minayo, M. C. S. (2012) Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 17(3), 621-626.
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12.
- Miranda, L. D. J. (2022). *A migração venezuelana no Brasil e a utilização da rede social Facebook no processo de integralização dos imigrantes*.
- Moreira, E. (2018). Os Warao no Brasil em cenas: "o estrangeiro...". *Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações*, 2(2), 56-69.
- MPF, Ministério Público Federal. *Parecer técnico Seap/6aCCR/PFDC n. 208, sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima*. 2017.
- Nagasaki, J., Assis, A., & Figueiredo, E. (2020). A Aplicabilidade da Convenção n.º 105 da OIT: Uma análise dos venezuelanos encontrados em condições análogas à de escravo no Brasil. *Plural*, 27(1), 39-61.
- Neto, D. V. A., & Alves, J. (2022). Mobilidade espacial dos indígenas venezuelanos Waraos para o estado do Acre: trajetória e as condições de vida na capital Rio Branco. *UÁQUIRI-Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre*, 4(1).
- Neto, E. A., & Padilha, P. C. (2020). Contexto sociojurídico do trabalho dos imigrantes venezuelanos em Boa Vista/RR. *Anais do III Seminário Nacional de Sociologia: Distopias dos extremos: sociologias necessárias*.
- Oliveira, A. T. R. (2019). A Migração Venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 13(1), 219-244.
- Oliveira, W., Oliveira, A., Cavalcanti, L., & Guedes, A. (2019). Inserção de imigrantes no mercado de trabalho: integração de dados e análise dos novos fluxos. In *Apresentação preparada para o 19º Congresso Brasileiro de Sociologia*. Santa Catarina, Brasil.
- Paiva, A. J. B., Mendes, B. M., Miranda, G. A. G., Oliveira, G. C. C., Ribeiro, J. P. A., Neto, J. J. D. N., ... Braz, R. S. M. (2019). Brasil, um refúgio aos venezuelanos. *Anais eletrônicos da VIII Jornada de Iniciação Científica e Interdisciplinaridade da Unievangélica*. Ceres, GO, Brasil.
- Pontes, S.S., & Nascimento, M. A. C. (2021). Os indígenas Warao na realidade belenense: uma pesquisa bibliográfica. *Políticas Públicas, Educação e Diversidade: uma compreensão científica do real*. Volume 2.
- Ribeiro, M. (2021). Imigração venezuelana: os Waraos e o direito à moradia, à educação, ao trabalho e à cidade de Manaus (2016-2019). *Manduarisawa*, 5(1), 28-40.

- Schwartz, Y. (2004). Trabalho e gestão: níveis, critérios, instâncias. In: Figueiredo, M. et al. (Orgs.). (2004) *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 23-33.
- Schwartz, Y. (2007). Un bref aperçu de l'histoire culturelle du concept d'activité. *Activités*, 4(4-2).
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9, 19-45.
- Silva, L. N. B., Barreto, F., & Barreto, T. M. A. C. (2020). Saúde e migração em Roraima: rede social migratória e impactos psicossociais na vida do migrante venezuelano enquanto trabalhador informal. *Saúde em Redes*, 6(3).
- Silva, R. F., & Bento, J. S. (2021). Política migratória e direito ao trabalho: estudo de caso sobre a acolhida de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil. *Colombia Internacional*, (106), 165-198.
- Silva, S. A. (2018) Indígenas venezuelanos em Manaus: uma abordagem preliminar sobre políticas de acolhimento. In.: Baeninger, R. *Migrações Sul-Sul. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" – Nepo/Unicamp*, 2. ed., p. 244-250.
- Silveira, M. D. C. P., & Carneiro, C. S. (2018). A declaração das nações unidas sobre os direitos dos povos indígenas e os impactos da nova lei de migração brasileira sobre o direito de livre circulação do povo Warao. *Périplos: Revista De Estudos Sobre Migrações*, 2(2), 69-95.
- Simões, G., Cavalcanti, L., Oliveira, T., Moreira, E., & Camargo, J. (2017). *Resumo executivo—Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil*. Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF, Brasil.
- Souza, A. C. D. (2021). *Ergologia, saúde e trabalho: uma revisão integrativa com ênfase nos centros de atenção psicossocial*.
- Squeff, T. D. A. C., & Pecker, J. P. (2021). As dificuldades de mobilidade dos povos originários venezuelanos de etnia Warao no Brasil decorrentes do veto na lei de migrações à sua livre circulação. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 13(26), 204-228.
- Standing, G. (2013). El precariado. Una nueva clase social. (1a ed.), *Barcelona: Ediciones de pasado y presente*.
- Theves, C., & Uebel, R. R. G. (2021). Imigração, nacionalidade e xenofobia: o caso dos venezuelanos no Brasil—uma análise crítica. Nacionalidade em perspectiva: estudos comparados à luz da experiência brasileira, europeia e possíveis reflexos nas políticas migratórias, 66.
- Tolfo, S. D. R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & sociedade*, 19, 38-46.

Trinquet, P. (2010). Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR On-line*, 10(38e), 93-113.

Xavier, F. C. C. (2021). Direitos indígenas para imigrantes indígenas: o caso dos Warao no Brasil. *Revista Da Faculdade de Direito do Sul de Minas*, 37(2).

Züge, A. A. (2021). *O sentido do trabalho a partir da experiência de migrantes venezuelanos e seus reflexos na socialização e diversidade no mercado de trabalho.*